



CONHECENDO E VIVENDO AS IGREJAS DO NOVO TESTAMENTO

A PARTIR DA REVELAÇÃO DE DEUS

Jesus diz:
...“edificarei a minha igreja,
e as portas do inferno
não prevalecerão contra ela”
(Mt.16.18).

WALTIR PEREIRA DA SILVA

© 2003 Waltir Pereira da Silva
Proibida a reprodução, no todo ou em parte deste livro
sem autorização do Departamento de Comunicação
e Imprensa da Igreja em Vitória.

Capa
Marcus Castro

Projeto Gráfico
Marcus Castro
www.imaginar.com.br

Revisão
Departamento de Comunicação e
Imprensa da Igreja em Vitória

Foto do Autor
César Inácio Nunes

Igreja em Vitória
Rua Vitalino dos Santos Valadares, 125
Bairro Santa Luiza
Vitória – Espírito Santo – CEP 29045-360
www.igrejaemvitoria.com.br
e-mail: faleconosco@igrejaemvitoria.com.br

Todos os direitos reservados. Proibido a reprodução total ou parcial,
de qualquer forma ou meio, a apropriação ou estoque em sistema
de banco de dados, sem autorização expressa do autor,
salvo em breves citações, com indicação da fonte.
A violação dos direitos de autor além de ser pecado é
crime capitulado no art. 184 do Código Penal Brasileiro.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da
Bíblia Edição Revista e Atualizada da Sociedade Bíblica do Brasil
com tradução de João Ferreira de Almeida

Impresso no Brasil
Sexta Edição

AGRADECIMENTOS

Aqui está uma coisa difícil de fazer. A quem agradecer? Não é porque tenha faltado alguém para trabalhar, pelo contrário, é porque muitos trabalharam em favor desta obra, que fica difícil saber todos quantos colaboraram. Se vou citar nomes, posso omitir aqueles que trabalharam sério. Alguém já falou: “Nenhum escritor escreve um livro sozinho”. Escrever é trabalho de equipe. Por outro lado, ameniza a minha tarefa o fato de saber que nenhum dos que se empenharam nesta publicação, trabalhou esperando louvores de homens.

Atrevendo-me um pouco, porém, quero agradecer à minha esposa, que me deu oportunidade e paz de espírito para trabalhar, embora estivesse eu tirando dela tempo que lhe deveria dedicar. Também, agradeço aos presbíteros, colaboradores, auxiliares eclesiásticos e aos irmãos em geral por seu precioso apoio. Cabe-me agradecer ao Departamento de Comunicação e Imprensa da Igreja, bem como a quaisquer irmãos que se empenharam, que deram sugestões, que digitaram.

A cada um agradeço, qualquer que tenha sido sua colaboração. À igreja toda sou agradecido pelas orações, pelo apoio irrestrito. A Ti, Senhor, agradeço as tuas respostas às nossas orações, fazendo-nos provisões que cobriram todas as nossas necessidades.

Ao povo de Deus e ao Deus do seu povo, para glória deste e edificação daquele, o mais amplo agradecimento.

Em Cristo,
O autor

DEDICATÓRIA

De Deus é tudo, “tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp.2.13). Entendo que Deus me deu este livro, desde “o querer como o realizar”. À semelhança de Ana, que disse a respeito de seu filho Samuel: “Por este menino orava eu; e o Senhor me concedeu a petição que eu lhe fizera”, posso eu dizer o mesmo sobre este livro. E do mesmo modo, concluir como aquela irmãzinha do passado: “Pelo que também o trago como devolvido ao Senhor, por todos os dias em que viver” (I Sm.1.27-28). Consciente de que todo mérito é do Senhor, do começo ao fim, venho, portanto, devolver-Lhe este livro, para que Ele mesmo o use como instrumento de edificação das suas igrejas.

Agradeço ao Senhor a revelação que nos tem dado acerca da Igreja e das Igrejas do Novo Testamento. Que em sua sabedoria e poder imensuráveis, possa o Senhor aplicar este escrito para levantamento de um povo santo, realmente abençoado pela unidade divina nestes dias.

Ó Deus, recebe esta pequena obra que Te ofereço, para que a uses para a glória do Teu Santo Nome.

Pelo Teu amor, agradecido,

O autor

ADVERTÊNCIA

Oro para que o leitor, ao estudar o presente livro, receba muitas bênçãos dos céus.

Pode ocorrer que alguém estude parte e não toda a obra e seja tentado a tirar conclusões apressadas que, de fato, não tenham o exato sentido proposto neste escrito. Tal comportamento não seria honesto.

A Jesus, o Cabeça da Igreja, toda a glória.

O autor

SUMÁRIO

Capítulo I	
Quando Surgiu a Igreja?	15
Capítulo II	
Sentidos do Termo Igreja	21
Capítulo III	
A Igreja Universal e as Igreja Locais	27
Capítulo IV	
O Tamanho da Igreja da Localidade	31
Capítulo V	
A Questão da Localidade Eclesiástica	35
Capítulo VI	
A Natureza da Igreja Neotestamentária	41
Capítulo VII	
Identificando a Igreja da Localidade Segundo o Novo Testamento e as Igrejas Denominacionais Conforme o Esquema Humano	51
Capítulo VIII	
O Nome da Igreja Conforme o Novo Testamento	61
Capítulo IX	
Sobre a Dependência e a Independência entre as Igrejas	65
Capítulo X	
A Questão dos Presbíteros Neotestamentários	69
Capítulo XI	
Comparando o Povo de Deus no Antigo e no Novo Testamento Diferenças e Afinidades	85
Capítulo XII	
Estabelecendo Comparações entre Igreja e Reino de Deus	91
Uma palavra, ainda, ao leitor	97



CAPÍTULO I

QUANDO SURGIU A IGREJA?



QUANDO SURTIU A IGREJA?

Para alguns a Igreja surgiu, quando Jesus agregou a si os quatro primeiros discípulos – André, Simão, Filipe e Natanael (Jo.1.40-47); para outros, quando o Senhor “designou doze para estarem com Ele e para os enviar a pregar e a exercer a autoridade de expelir demônios” (Mc.3.14-15); para outros, ainda, a Igreja surgiu no dia de Pentecostes, quando o Espírito Santo foi derramado (At.2).

Há princípios de contribuição em cada uma dessas três hipóteses que merecem ser considerados. Quanto à Igreja ter surgido com a agregação de André, Simão, Filipe e Natanael (Jo.1.40-47), queiramos ou não, não há base sólida textual para se estabelecer, daí, o surgimento da Igreja. Era tudo muito acidental e tratava-se de contato inicial de cada um dos quatro homens com Jesus, não havendo base suficiente, portanto, para se afirmar que a Igreja surgiu a partir do fato do chamado desses quatro discípulos por Jesus.

É insuficiente, também, a designação dos doze para serem apóstolos, como base para o estabelecimento da Igreja. Por quê? Porque apóstolos são mensageiros extralocais, não são trabalhadores locais. Sua obra é IR além da localidade, enquanto a Igreja é local. A Igreja é servida na localidade não por apóstolos e sim, por anciãos (presbíteros). Apóstolos servem igrejas locais, temporariamente, enquanto presbíteros são os oficiais permanentes onde residem. Marcos 3.14-15 não pode conter, em boa exegese, o início da Igreja, portanto.

Quanto à idéia de que a Igreja surgiu com o derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecostes, conforme Atos 2, esta idéia é plenamente aceitável.

O derramamento do Espírito Santo demonstra que a obra da redenção dos perdidos chegou ao seu apogeu. A vinda da Terceira Pessoa da Trindade Divina selou a obra do Pai e a do Filho. O Espírito Santo trouxe regeneração aos perdidos e fez a sua habitação nos homens e mulheres regenerados. Torna-se evidente que, a partir de então, surgiu a Igreja. Esta só poderia ter surgido em plenitude, depois que Deus houvesse realizado a sua obra plena nos homens; e essa obra plena só poderia ter sido realizada, após o Pai ter enviado o Filho e ambos terem enviado o Espírito Santo para estar em nós (Jo.14.16-17,26; 16.7). Sendo a Igreja o resultado da ação, da vida do Deus Triúno em nós, só poderia haver Igreja plenária, portanto,

na completa revelação de Deus e isso efetivamente ocorreu, conforme Atos 2, com o derramamento do Espírito Santo, que marcou a vinda integral de Deus a nós, para fazer-nos seu santuário peculiarmente pleno.

É importante, no entanto, termos em mente que, assim como Jesus está presente em figura em todo o Antigo Testamento, só se manifestando “na plenitude do tempo” (Gl.4.4), a Igreja, tal como a conhecemos agora, estava sendo gestada, igualmente, no Antigo Testamento, vindo à luz no “dia do Pentecostes” (At.2).

“O mistério de Cristo” referido em Efésios 3.1-12 e Colossenses 1.24-26 não é, precisamente, a IGREJA? A Igreja não faz acepção de raça e nacionalidade. Para o judeu do Antigo Testamento isso era algo estranho. Até a manifestação do Espírito Santo descrita em Atos 2, quando pessoas “de todas as nações debaixo do céu”, (v.5), foram alcançadas pela pregação do Evangelho feita sob o impacto do derramamento do Espírito, a idéia da IGREJA que incluísse gentios estava efetivamente “envolta em mistério” para os judeus, dos quais Jesus falou que “vem a salvação” (Jo.4.22).

Podemos entender, portanto, que a Igreja surgiu ou apareceu em plenitude no dia do Pentecostes. Isso, porém, não quer dizer que ela tenha começado naquele dia, sem ter tido nenhuma de suas raízes no passado.

Deus sempre quis reunir-se com os homens. Desde a aurora da humanidade Deus se encontrava com os homens. Adão, Abel, Enoque, Noé, Abraão, Moisés, Josué, Davi, Jeremias, João Batista e uma grande nuvem de testemunhas tiveram contato com Deus. Surgiu a nação de Israel e essa nação, como um todo, tornou-se a Igreja de Deus. Mesmo antes de entrar em Canaã, a nação de Israel era chamada de “a Igreja” ou “a Congregação” (em grego, e¹kk^lh^si/a que se translitera eclissia). Era “a Congregação” “no deserto” (At.7.38). Essa transliteração, eclissia, corresponde à transliteração hebraica cahal. Eclissia, repetimos, é transliteração do grego e¹kk^lh^si/a que significa congregação, igreja. Cahal translitera o hebraico כִּהְלָךְ que quer dizer congregação, igreja.

Chegando a plenitude do tempo, Deus enviou Seu Filho, Jesus Cristo, o qual morou conosco, os homens. Deus em carne habitou entre nós. Jesus, o Filho, retornou para o Pai após a ressurreição e Deus, o Espírito Santo, veio para habitar em nós: eis aqui a Igreja de Deus.

A Igreja agrega aqueles que foram “eleitos, segundo a presciência de Deus Pai” (I Pe.1.2). A Igreja é a reunião dos beneficiados, dos salvos pelo “Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo” (Ap.13.8).

Conseqüentemente, a Igreja não é um aglomerado acidental de pessoas ocorrido de última hora, intempestivamente. Ela é produto eterno do terno coração de Deus e vai-se desenvolvendo em busca do alvo de se tornar “Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem cousa semelhante, porém santa e sem defeito” (Ef.5.27).

A Igreja era conhecida em estado rudimentar, ao tempo em que Jesus disse: “edificarei a minha Igreja” (Mt.16.18). Porque era assim conhecida? Porque os discípulos não perguntaram: Que é Igreja? Que é isso que falas? E Jesus não disse: Começarei a minha Igreja. Mas, “edificarei a minha Igreja”.

A Igreja de Deus não surge de uma sessão deliberativa, de uma assembléia de religiosos extralocal ou local. Ela é formada através de um processo que vai agregando cada remido. Nenhuma igreja do Novo Testamento teve ata de organização. Nenhuma Igreja teve ato declarativo, cerimonial ou formal, para sua constituição. Nunca se leu, no Novo Testamento, a expressão: Hoje surge a igreja tal. Não. Expressão como esta é coisa do mundo religioso, não da Palavra de Deus. A Igreja vai surgindo e Jesus vai edificando vitalmente a Sua Congregação. A Igreja não aparece oficialmente, por exemplo, em uma noite e sim, em um período, sem briga nem luta, mas cheia de bênçãos.

Em Atos 1 eram cento e vinte pessoas. Em Atos 2, o Espírito Santo desce sobre essas cento e vinte pessoas e são acrescentadas cerca de três mil vidas. Jesus está edificando, não começando a Sua Igreja (Mt.16.18).

Em Atos 5.11 encontra-se o termo igreja pela primeira vez. O vocábulo igreja aparece em relação com a disciplina de Ananias e Safira. Em Jerusalém estavam apóstolos e inúmeros convertidos. Lá havia sinais e milagres. Com o tratamento disciplinar do casal (At.5.1-11), surgiu, por determinação do Espírito Santo, o vocábulo igreja.

É preciso considerar essas coisas. É necessário que os filhos de Deus tenham a nobreza dos bereanos, isto é, a mesma sede da verdade, para receberem “a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas” são de fato assim (At.17.11). Somente com nossa total fidelidade aos ensinamentos da Bíblia a obra de Deus estará resguardada de ser feita conforme ideologias humanas.

Nota: A pronúncia dos termos gregos deste e doutros capítulos deste livro é a pronúncia do grego moderno (nota do autor).



CAPÍTULO II

SENTIDOS DO TERMO IGREJA



SENTIDOS DO TERMO IGREJA

1 – SENTIDO HEBRAICO

O termo igreja ou congregação traduz o termo hebraico **קהל** (pronuncia-se cahal). Cahal significa assembléia do povo de Deus, Israel. O capítulo 10 do livro de Números trata da congregação do povo de Deus. A assembléia ou congregação reunia-se para deliberar, para ouvir seus guias. O povo era convocado para a paz ou para a guerra. O povo de Deus do Antigo Testamento devia ser unido, ordeiro. As “duas trombetas de prata” convocavam e comandavam os filhos de Israel. Números 10.1-10 é um texto importante para nós, pois fala-nos ao coração que o povo de Deus deve ser ordeiro, unido, submisso, conhecedor de cada toque de trombeta, pronto a ouvir e obedecer. Precisamos estar reunidos em torno do tabernáculo do Senhor, cobertos pela nuvem protetora do Senhor (Nm.10.34). Toda ação ou inação da congregação de Israel devia ser marcada pela presença do Senhor (Nm.10.35-36).

Dr. Hobbs, em “Os Fundamentos da Fé”, p.160, 3ª edição, diz: “Na Septuaginta, igreja é tradução do vocábulo cahal, que se refere à nação israelita reunida diante de Deus (Cf. Dt.31.30, assembléia; Jz.21.8, assembléia; I Cr.29.1, congregação)”.

Que fique claro para nós: Deus tem sua igreja (a sua cahal: **קהל**), nos tempos antigotestamentários.

2 – SENTIDO GREGO

Embora o termo **ἐκκλησία** (pronuncia-se eclissia) que se traduz por igreja seja uma palavra caracteristicamente cristã, ele possui uma história que precede o Cristianismo. Atos 19.39 fala da assembléia regular constituída pelos cidadãos de uma cidade-estado livre, convocados pelos arautos ou anunciadores para saírem de suas casas e irem a um lugar público para tratarem de negócios públicos. A assembléia (eclissia que é a transliteração do grego, **ἐκκλησία**) era legislativa e tinha outros fins. Eclissia sugere uma sociedade democraticamente governada entre os gregos; enquanto entre os israelitas, **קהל** (cahal), que é sinônimo de **ἐκκλησία** (eclissia), fala-nos de uma sociedade de governo teocrático, cujos membros são “súditos do Rei Celestial”. Esta compa-

ração é válida, porque, o Antigo Testamento é base para o Novo Testamento, e isso vai orientar o sentido teocrático da eclissia do Novo Testamento.

3 – SENTIDO CRISTÃO

O sentido cristão da Igreja será visto daqui para a frente. Neste espaço apresentamos não mais que algumas informações sobre este termo. Que significa Igreja (no grego, e¹kkhlsi/a que se translitera eclissia), para o Novo Testamento? Significa todos os filhos de Deus no universo, bem como todos os filhos de Deus de uma localidade.

No seu sentido universal Igreja é “o corpo inteiro de cristãos espalhados através do mundo”, ou mais ainda, a Igreja arrola não só os viventes na terra, mas também os que “já morreram e foram recebidos no céu”, bem como registra ou com toda certeza registrará os nomes dos que por enquanto não se converteram, mas que são “eleitos segundo a presciência de Deus Pai” (I Pe.1.2). São incluídos na Igreja Universal, até mesmo aqueles que ainda vão nascer sobre a terra e são “eleitos” de Deus.

Além do seu sentido amplo, universal, distante, Igreja designa o conjunto dos filhos de Deus por meio de Jesus Cristo, quer tais filhos estejam reunidos ou espalhados pelo local em que residem (At.4.23-31; 8.1-3; I Co.1.2; 11.18; 14.26).

O termo igreja vem do grego e¹kkhlsi/a, que se pode decompor em e¹k (pronuncia-se ek), preposição que quer dizer de, de dentro para fora, e do substantivo kkh²sij (pronuncia-se clíssis), que significa chamada, vocação. O Novo Testamento, no que concerne ao termo igreja, não tem muito a ver com o sentido etimológico da palavra, como sendo chamada de pessoas de dentro de suas casas para reunião lá fora. Realmente somos chamados das trevas para vivermos com Jesus em sua plena luz. Igreja quer dizer, no sentido cristão, “uma assembléia do povo”.

Concluindo: כַּהֲלָהּ (pronuncia-se cahal) ou עֵדָהּ (pronuncia-se edá), termos hebraicos que significam “uma reunião indicada”, uma “assembléia”, trazem a idéia de Israel como congregação política e também cultuante ao seu Deus. O povo de Deus é um só, quer quando planta trigo, quer quando paga tributos ou louva a IAVÉ, o Deus de sempre, o Eterno. Nos textos de Deuteronômio 31.30, Juizes 21.8 e I Crônicas 29.1 aparece o termo כַּהֲלָהּ (cahal), que quer dizer congregação ou igreja.

Entre os gregos, *e'kkhlsi/a* (pronuncia-se eclissia), designava reunião ou assembléia regular constituída por cidadãos de uma cidade-estado livre, os quais eram chamados, convocados para saírem de suas casas e irem a um lugar público para tratar dos negócios da coletividade local.

Quer entre os hebreus ou entre os gregos, portanto, bem como entre os cristãos, igreja quer dizer assembléia, congregação, reunião. Entre os cristãos bíblicos, Igreja é a coletividade dos filhos de Deus por Cristo, o Senhor.

A grayscale image of a fountain pen resting on a document with cursive handwriting. The pen is positioned diagonally across the frame, with its nib pointing towards the bottom left. The background is a soft-focus view of the pen's nib and the cursive script on the paper, which is slightly out of focus. The overall tone is professional and academic.

CAPÍTULO III

A IGREJA UNIVERSAL
E AS IGREJAS LOCAIS

A IGREJA UNIVERSAL E AS IGREJAS LOCAIS

Jesus, nosso Senhor, tratou da Igreja Universal e da igreja de cada localidade. Em Mateus, o primeiro dos quatro Evangelhos, capítulo 16, verso 18, Jesus diz: "...edificarei a minha Igreja". Jesus fala de uma única e especial Igreja, a Igreja Universal. É a Igreja geral que nada tem a ver com o tempo e o espaço e que se compõe de todos os salvos, do passado, do presente e do porvir. É a "universal assembléia e Igreja dos primogênitos arrolados nos céus" (Hb.12.22-23). Esta Igreja é o Corpo de Cristo. Cristo Jesus, sendo um só, tem apenas um só Corpo, e este é a Igreja Universal.

A Igreja Universal é, em grande parte, invisível, pois muitos já passaram desta para outra vida e há os "eleitos" que ainda não se converteram, mas que se converterão. Deus elegeu e se elegeu, tais eleitos tomarão posse da vida eterna. Este é o dom de Deus em Cristo: a salvação. Aleluia! A Igreja Universal não tem presidente, patriarca, papa, ou qualquer homem como seu cabeça; Jesus é o seu único Cabeça (Ef.1.22-23). A Igreja Universal não tem cabeça humana, porque não é organização humana. Esta Igreja é "organismo" espiritual, mas não é organização de homens.

O Senhor Jesus falou não só da Igreja, mas também das igrejas. Em Mateus 18.17 Jesus fala da igreja da localidade, igreja esta diferente da Igreja Universal. Mateus 18.17 difere de Mateus 16.18. Jesus orienta ao irmão envolvido em questões disciplinares com outro irmão, dizendo: "E, se ele não os atender, dize-o à Igreja"... (Mt.18.17). Portanto, a igreja mencionada neste último texto é a igreja da localidade, porque a ela podemos contar problemas. Ela pode ouvir problemas. Ela pode aconselhar os problemáticos. Ela pode disciplinar. Tal igreja é autoridade sobre seus membros. É uma organização real, visível. A igreja da localidade é organismo e é organizada, pois tem tarefas a cumprir que exigem organização.

A Igreja Universal é UMA só, e é UNA. Para efeitos práticos a Igreja se tornou igrejas. "A Igreja de Deus" (I Co.10.32) tornou-se "igrejas de Deus" (I Ts.2.14). Por quê? Porque a Igreja Universal não tem como reunir-se numa localidade. Como viriam os irmãos do Polo Norte e do

Polo Sul e do Equador e do além celestial para se reunir em um só lugar? Impossível. Por essa razão, Deus tornou a Igreja em igrejas, tomando como base desta Sua bendita ação, apenas, a localidade. Assim, a localidade é a única base que a Bíblia reconhece para permitir a divisão da Igreja em igrejas. O querido Watchman Nee nos ensina esta verdade e isto é totalmente neotestamentário: só a localidade é a base para a divisão da Igreja Universal em igrejas locais, ou seja, uma única igreja em cada local.

As igrejas nacionais, provinciais, estaduais ou mundiais têm modelo neotestamentário? Essas igrejas seriam Igreja Universal ou igrejas locais? Não. Não. Tais concepções de igrejas são concepções meramente humanas. Não têm modelo neotestamentário: não são nem locais, nem universal. São, apenas, resultado de arranjos de cabeças de homens.

Tão somente Atos 9.31 diz: “A Igreja, na verdade, tinha paz por toda a Judéia, Galiléia e Samaria...”. Uma boa regra de interpretação bíblica é esta: não se deve fundamentar uma doutrina em uma passagem isolada. Evidentemente, os irmãos perseguidos, eram espalhados por época da morte de Estêvão. Iam pela Judéia, Galiléia e Samaria pregando a Palavra. Eram confortados pelo Espírito Santo e cresciam em número. Lucas pode ter considerado esses irmãos como membros, ainda, da Igreja em Jerusalém, embora espalhados pelas províncias citadas em Atos 9.31, ou Lucas pode ter dado sentido universal às igrejas locais da Judéia, isto é, o Corpo de Cristo, representado pelas igrejas locais espalhadas pelas províncias da Judéia, Galiléia e Samaria. É interessante observar: “Só aqui encontramos o singular para significar mais do que uma igreja local, a não ser que se refira à Igreja, como o Corpo de Cristo”.

Gálatas 1.22 fala das “igrejas da Judéia”. I Tessalonicenses 2.14 menciona “igrejas da Judéia”. Judéia é província, logo pode ter igrejas, mas não uma só igreja. Assim, ou Lucas entendeu que os crentes, membros da Igreja em Jerusalém, embora espalhados pela perseguição, tinham paz e cresciam em número, ou deu sentido universal de Corpo de Cristo às igrejas das localidades espalhadas pelos locais da Judéia, Galiléia e Samaria.

Que as igrejas eram locais, nada mais nem menos, pode-se ver da eleição de presbíteros ou anciãos “em cada igreja” ou “em cada cidade”: é o que podemos honestamente constatar em Atos 14.23 e Tito 1.5.



CAPÍTULO IV

O TAMANHO DA
IGREJA DA LOCALIDADE



O TAMANHO DA IGREJA DA LOCALIDADE

A igreja da localidade não é maior nem menor do que a sua localidade. A igreja se limita às bordas, mas não transborda da sua localidade. Qualquer igreja dita local, que seja maior ou menor do que o local, não condiz com a Igreja do Novo Testamento. A Bíblia não menciona igreja da Itália ou igreja italiana; igreja da Grécia ou igreja grega. Não. Qualquer igreja do Novo Testamento recebe seu nome da localidade em que está, porque é limitada ao seu local. Assim, vemos a Igreja em Éfeso, a Igreja em Corinto, a Igreja de Antioquia, etc. Mas não achamos a igreja da Ásia ou a igreja asiática; nem a igreja da Grécia ou igreja grega; nem a igreja da Síria ou a igreja siriana.

Mas, o século XX e mesmo o século XXI, este em seu início, são férteis nessas conceituações eclesiásticas errôneas. Fala-se sobre a igreja brasileira. O Brasil, porém, é um país. O Brasil não é um lugar, não é um local; é um país e é constituído de muitos locais. É certo dizer: as Igrejas do Brasil. Falar, no entanto, a igreja do Brasil ou a igreja brasileira, é um erro eclesiológico bíblicamente falando.

Um local eclesiástico tem nome independente; tem agrupamento de pessoas com vida comum; tem certa unidade política. Pode ser uma cidade ou mesmo um distrito mais distante da cidade, distância que não possibilita comunhão diária com o centro urbano. Jerusalém, Roma, Antioquia, Derbe, Listra, Icônio eram localidades. A igreja de cada uma dessas localidades era a igreja dessa tal localidade e não era, espacialmente, nem maior nem menor do que tal lugar.

O Senhor Jesus diz: “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles” (Mt.18.20). O Senhor afirma ainda: “Em verdade também vos digo que, se dois entre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que porventura pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai que está nos céus” (Mt. 18.19).

Mateus 18.15-17 mostra como devemos tratar das questões de disciplina na Igreja. Nesse texto de Mateus 18.15-20 nós constatamos um número pequeno de pessoas. Jesus trata de “dois ou três”. O que fica muito claro é que o número mínimo que mede o tamanho numérico de

uma igreja local é “dois ou três”. Pode haver cem, quinhentos ou milhares de irmãos, como houve em Jerusalém, pertencentes à igreja da localidade. Sem dúvida, entendemos que três mil pessoas possam ser igreja; é-nos difícil, no entanto, aceitar que duas ou três pessoas possam ser igreja. Certamente, mais difícil ainda é compreender que três mil indivíduos podem não ser igreja bíblica conforme o Novo Testamento. O aspecto quantitativo de igreja tende a prejudicar a percepção do seu aspecto qualitativo.

Uma Igreja do Novo Testamento, na sua localidade, tem o tamanho determinado pelo número dos convertidos que moram nessa localidade, que se reúnem sob o governo dos presbíteros locais e perseveram na doutrina dos apóstolos, na comunhão, no partir do pão e nas orações (Mt.18.15-20; At.2.42,46-47; 14.23; 20.17-35 [observar At.20.28]).

Pequena ou grande em número, o dever de cada igreja é andar no espaço de sua localidade, “na doutrina dos apóstolos”, “na comunhão”, “no partir do pão”, “nas orações”, submissa aos seus guias espirituais (Hb.13.17). Deus abençoará a Igreja, sempre, sempre.

The background of the entire page is a grayscale image of a fountain pen lying on a document with cursive handwriting. The pen is positioned diagonally from the top right towards the bottom left. The handwriting is in a classic cursive style, with some words like 'Ernie' and 'Michael' being partially legible. The overall tone is professional and academic.

CAPÍTULO V

A QUESTÃO DA LOCALIDADE
ECLESIÁSTICA

A QUESTÃO DA LOCALIDADE ECLESIAÍSTICA

A localidade neotestamentária da igreja é questão a ser levada realmente a sério. Por quê? Porque é a localidade o único modo de Deus dividir a Igreja Universal em igrejas. Daí, não há como ver, através do Novo Testamento, nenhuma igreja denominacional, regional, nacional, internacional. O que se vê em funcionamento prático no Novo Testamento são igrejas locais.

Igreja local é o agrupamento dos remidos do Senhor residentes em certa localidade, os quais congregam-se, edificam-se, choram e riem juntos, andam em comunhão, testificam de Jesus, o Salvador e Senhor. Igreja LOCAL não é coisa de homens, como o é a igreja denominacional. A Bíblia nos fornece muitos textos sobre igrejas locais, como por exemplo: Atos 8.1; 13.1; Romanos 16.1; I Coríntios 1.2 e Apocalipse 2.1.

Que é localidade segundo o Novo Testamento? É um determinado espaço territorial, em que pessoas residem, trabalham, estudam, alimentam-se, tratam da saúde, têm seu próprio sistema de segurança, divertem-se, casam-se, têm filhos, possuem propriedades, constroem casas residenciais, comerciais e industriais, têm sua sociedade. Enfim, localidade é onde se vive e se sobrevive. É onde gerações presentes criam e procriam para o futuro.

É interessante observar, na questão da localidade, que se fala na Igreja em Jerusalém (At.8.1), mas não se menciona a igreja em Belém. Por quê? Será que não havia cristãos na cidade em que nasceu Davi e o próprio Jesus? Deveria haver cristãos ali. Bem, aqui há silêncio textual e do silêncio pouco ou nada podemos tirar no tocante a qualquer conclusão exegética válida final. Podemos, porém, procurar alguma explicação para a ausência da menção da igreja em Belém. Esse silêncio ou falta de referência à igreja em Belém deve explicar-se, porque, como diz a “Enciclopédia de la Bíblia”, “Belén de Judá” era uma “ciudad a 8 km, al sur de Jerusalén”. Assim sendo, Belém, distando apenas 8 quilômetros de Jerusalém (distância que se pode fazer a pé em uma hora e trinta minutos), é de se pensar, como totalmente aceitável, que a Igreja em Jerusalém se estendesse até Belém. Nesse caso, Belém devia fazer parte da “Grande Jerusalém”, isto é, seria parte de uma localidade “metropolitana”. O Dr.

W.C.Taylor, igualmente, menciona a pequena cidade de Belém, como uma “vila ao sul de Jerusalém”. Dada a importância sócio-político-econômica de Jerusalém, e sendo pequenino o papel de Belém nessas três áreas, Belém se agregaria a Jerusalém para efeito de formação de um só local-base para a Igreja em Jerusalém. A localidade seria algo como a “Grande Jerusalém”, portanto. Isso, no caso de o silêncio textual ser resultante da não existência da igreja em Belém. Também, a Igreja em Belém pode ter existido e não ter sido mencionada no Novo Testamento.

A cidade ou município geralmente é um local apropriado para a base geográfica da igreja. No entanto, nem sempre o município serve de base, por ser, por exemplo, demasiadamente extenso territorialmente. Às vezes, uma parte do município serve como local-base para a igreja, devido à grande extensão territorial do município. É exata, real e explicitamente o que ocorre, segundo o registro de Romanos 16. 1. Este texto mostra a irmã “Febe, que está servindo à Igreja de Cencrêia”, “encarregada de levar esta epístola à Igreja de Roma”.

Que tipo de lugar é Cencrêia? É município? Não. Não é. É uma parte do município de Corinto, do lado oriental do istmo de Corinto, a uma distância em torno de catorze mil metros ou de catorze quilômetros do perímetro urbano de Corinto. Além do mais, Cencrêia tinha vida própria. Era, segundo A.R.Buckland, “o centro do seu comércio”, isto é, do comércio de Corinto “com a Ásia”. Por isso, por ser um lugar longe do centro de Corinto e por ser constituída de uma população bastante numerosa de pessoas que ali trabalhavam, alimentavam-se, casavam-se, procriavam, viviam e ali tinham seu sustento total para a sobrevivência, Cencrêia veio a ser considerada pela sabedoria divina discernida pelos apóstolos como base para o estabelecimento da igreja da localidade, a Igreja de Cencrêia.

Para nós, hoje, não é fácil determinar a extensão de certas localidades, como por exemplo, em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Londres, Nova Iorque, Seul e muitas outras. No entanto, podem e devem os presbíteros da igreja local, em cada uma dessas ou doutras cidades, pensar e repensar em como determinar os termos ou limites da localidade eclesiástica dentro da respectiva macro localidade ou macro unidade política local. São Paulo, Rio de Janeiro e outras grandes cidades têm as suas Sub-Prefeituras, que são subunidades administrativas. Assim, uma grande unidade política, por força da conveniência e da eficiência, deve ser divi-

didada em subunidades administrativas, para que possa haver proficuidade, proveito, vantagem, utilidade.

Presbíteros, auxiliares eclesiais e demais servos da igreja em grande cidade como as referidas acima, à semelhança dos seus governantes político-administrativos, devem estudar os aspectos que envolvem e caracterizam a localidade de uma Igreja bíblica e assim, pela orientação do Espírito Santo e pelo consenso e consentimento comum do povo de Deus, buscar determinar a área que deve ser considerada localidade-base para o estabelecimento da igreja. A área da Sub Prefeitura, talvez possa ser tomada como sugestão para organizar-se a igreja. De modo nenhum a nova igreja local seria uma subigreja. O Novo Testamento não conhece e, muito menos reconhece algo como subigreja, obviamente. Podem ainda, dependendo das condições existentes, ser consideradas as áreas abrangidas por mais de uma Sub Prefeitura como local apropriado para organização da igreja local conforme o Novo Testamento, em grandíssimas cidades.

Resumindo: a própria localidade natural determina os limites que devem ser reconhecidos para o estabelecimento da igreja local e no caso das megalópolis, o pessoal do governo da igreja em tais cidades, mediante estudo e avaliação responsável diante de Deus, concluirá a respeito.

Deus nos dê sabedoria e nos guie para não emperrarmos, mas dinamizarmos eficiente e bíblicamente, o processo de fundação e edificação de igrejas de Deus segundo o Novo Testamento.

Repito o que disse no início deste capítulo. A localidade neotestamentária da igreja é questão a ser levada a sério. A localidade é o único modo divino de se dividir a Igreja Universal em igrejas locais. O denominacionalismo é humanismo. É o toque do homem na Igreja de Deus. É coisa não apenas desnecessária, mas até indesejável do ponto de vista bíblico. O diabo usou cunha da sua forja, para dividir a “Igreja de Deus” em igrejas de homens. Irmãos, vocês que querem os irmãos em Cristo em união, em unidade (e muitos são profundamente sinceros no desejo de que assim seja), saibam que o caminho é um só: obedecer a Deus por Cristo e renunciar ao seu partido político-religioso-denominacional, permitindo, assim, que Deus possa estabelecer em seu ser interior o Seu próprio divino pensamento sobre o que é a Sua Igreja. É já tarde. Renunciemos tudo que tende a dividir a Igreja de Deus em bases estranhas às estabelecidas pelo Novo Testamento. Deus nos conceda graça e poder e visão clara para

estabeleçermos igreja segundo o modelo de Deus e não dos homens. Que estabeleçamos igrejas locais verdadeiramente bíblicas. Ao Senhor da Igreja toda glória para sempre. Amém.



CAPÍTULO VI

A NATUREZA DA IGREJA NEOTESTAMENTÁRIA



A NATUREZA DA IGREJA NEOTESTAMENTÁRIA

Natureza é a “essência ou condição própria de um ser”. É a “constituição” de um ente. É a condição peculiar àquilo que é em si. Natureza da Igreja é aquilo que é inerente ao ser da Igreja. A natureza da Igreja é conhecida através de certas qualidades que constatamos existirem na própria Igreja.

Natureza é aquilo que é inalienável de um ser. Assim, temos de ver o que é a Igreja através daquilo que é inseparável da Igreja como Igreja, isto é, daquilo que marca uma Igreja como sendo Igreja do Novo Testamento.

Alguns aspectos da natureza da Igreja neotestamentária:

1 – A IGREJA É “O CORPO DE CRISTO” (I Co.12.27).

A Igreja Universal tem na igreja local o seu “microorganismo”. A Igreja é o Corpo místico de Cristo e nós somos “individualmente seus membros”. “O corpo é um, e tem muitos membros”, mas há unidade no funcionamento desses membros no corpo e “todos os membros... constituem um só corpo” (I Co.12.12). Há uma harmonia de funções e tal harmonia coopera para o bem estar do corpo. Cristo “é a cabeça do corpo, da Igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia” (Cl.1.18). Cristo é primaz. É o primeiro sobre todas as coisas. Os membros do corpo não podem agir individualística e egoisticamente, mas altruisticamente, para o bem do próprio corpo. O corpo humano é um só e tem muitos membros e todos estes funcionam sob a direção da cabeça de modo harmônico. A falta de comunhão dos membros desse Corpo místico de Cristo, a Igreja, evidencia que há doença espiritual nos “membros”.

A Igreja, sendo o Corpo de Cristo, é uma sociedade nova, divinamente vitalizada, uma nova humanidade em transformação progressiva, que se desenvolve mais e mais na imagem de Cristo. A Igreja, Corpo de Cristo, é o corpo dos que tiveram a imagem de Deus (Gn.1.27) recriada

“pela aplicação da obra de Cristo na vida”. Cristo pôde introduzir no seu Corpo, a Igreja, a vida de Deus porque “Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação” (Cl. 1.15); porque é o Verbo que se fez carne e habitou entre nós e em nós (Jo. 1.14; 17.23).

A Igreja, Corpo de Cristo, é a expressão de Deus no mundo. Em Cristo “somos para com Deus o bom perfume de Cristo” (II Co.2.14-15). É preciso ter consciência de que nossos “corpos são membros de Cristo” (I Co.6.15).

2 – A IGREJA É “RAÇA ELEITA” (I Pe.2.9).

Raça é um agrupamento de indivíduos que têm ascendência, descendência e vida comuns. A vida comum que veio para a Igreja procede de Deus por Cristo. A Igreja é uma seleção divina de pessoas terrenas renascidas pelo Espírito Santo, herdeiras das muitas moradas celestiais (Jo.14.2). É raça ideal, “eleita”. É raça escolhida. A Igreja foi eleita antes da fundação do mundo. Essa eleição não foi algo impensado de Deus. Foi realidade eterna e divinamente pensada, relacionada com “a presciência de Deus Pai” (I Pe.1.2). Nossa eleição é fato consumado “segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” (Ef.1.11) e nossas mentes devem buscar “as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus” (Cl.3.1).

3 – A IGREJA É “SACERDÓCIO REAL” (I Pe.2.9).

I Pedro 2.5 fala da Igreja como “sacerdócio santo”. A Igreja é convocada à santidade, ao império do viver moral, porque ela compartilha da própria santidade de Deus em Cristo. Nosso alvo é a perfeição (Mt.5.48). Deus nos elegeu para a salvação, “pela santificação do Espírito” (II Ts.2.13). Nossa santificação é alvo dos ensinamentos neotestamentários e é uma extensão da santidade de Deus. Os sacerdotes do Antigo Testamento apresentavam os pecadores a Deus, para Deus perdoar-lhes os pecados. Êxodo 19.6 diz da cahal de Deus, a Igreja da Antiga Aliança, Israel, como sendo um “reino de sacerdotes e nação santa” e segundo Apocalipse 1.6, fomos constituídos por Cristo “reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai”, isto é, Cristo preparou-nos para sermos para Deus um povo muito espe-

cial, real, para reinar “em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo” (Rm.5.17).

4 – A IGREJA É “NAÇÃO SANTA” (I Pe.2.9).

“Raça (ge/noj, pronuncia-se guénos), e “nação”(eÑqnoj, pronuncia-se éthnos. O th é pronunciado como no inglês think), e “povo” (lao/j, cuja pronúncia é laós) “são meros sinônimos”. Saibamos, irmãos, Deus nos chamou para sermos nação santa, para estarmos em processo de renova-da santificação, em transformação constante na imagem de Cristo Jesus. Pureza moral e espiritual é meta que devemos perseguir sem trégua, para com isso, agradarmos o Senhor da Igreja. Caso queiramos, podemos explorar mais os sentidos de guénos, de éthnos e de laós. Sempre há lições válidas, desde que coerentemente tiradas.

5 – A IGREJA É “POVO DE PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE DEUS” (I Pe.2.9).

Somos povo possuído por Deus e por isso, devemos ser-lhe agradáveis. De fato, “não podemos agir como melhor nos pareça”. Fomos adquiridos pelo preço “da expiação pelo sangue de Cristo”. A Cristo pertence nosso corpo, nossa alma. Quem age como quer ou como melhor lhe parece, mostra que não é de Jesus, o Cristo, que não pertence ao Senhor, embora possa ser religioso. “Agora sois povo de Deus” (I Pe.2.10).

6 – A IGREJA É “LAVOURA DE DEUS” (I Co.3.9).

Ao homem cabe plantar, regar, mas só Deus dá vida e crescimento. Nem o plantador nem o que rega é coisa alguma. Deus é que é tudo. Somos só cooperadores do Senhor. Como “lavoura de Deus”, a Igreja deve produzir muitos e bons frutos. Deve estar livre das ervas daninhas. A Igreja é chamada a apresentar “o fruto do Espírito” que é “amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio” (Gl. 5.22). Que lavoura linda para Deus! O amor é central na vida da Igreja como “lavoura de Deus”. Cada gomo do fruto do Espírito é permeado pela seiva do amor. Assim, “a alegria é a força do amor. A paz é a segurança do amor. A longanimidade é a paciência do amor. A benignidade é a conduta do amor. A bondade é o caráter do

amor. A fé é a confiança do amor. A mansidão é a humildade do amor. A temperança é a vitória do amor”. Por definição, a Igreja é lavoura de vidas geradas e controladas pelo Espírito Santo, produzindo o fruto cheio da graça para a vida eterna, na unção do Espírito de Deus. Esse fruto multiplica-se. Na “lavoura de Deus” não há monotonia. Não há “monocultura”. Há “policultura” bendita, divina. Saiba escolher a semente a plantar, porque “aquilo que o homem semear, isso também ceifará” (Gl.6.7).

7 – A IGREJA É “EDIFÍCIO DE DEUS” (I Co.3.9).

Esse edifício é templo para Deus morar, habitação apropriada para o Espírito Santo, que jamais deve ser manchado pelo pecado, seja qual for (I Jo.1.7b).

A Igreja, como “edifício de Deus”, é construção baseada sobre alicerce firme, sabiamente colocado. O alicerce correto, o único alicerce intocável, é Jesus Cristo (I Co.3.11). Pregar “Jesus Cristo, e este crucificado”, eis o alicerce (I Co.2.2).

Hoje, nós somos os continuadores da edificação e Paulo nos adverte: “porém cada um veja como edifica”, isto é, sobre o fundamento, Jesus Cristo (I Co.3.10). Quem edifica deve observar o material usado, as proporções, os compartimentos do edifício. Pode haver até o perigo de se querer lançar “outro fundamento”. É bom ver que estamos construindo para Deus. “Qual seja a obra de cada um o próprio fogo a provará”. I Coríntios 3.11-15 deve ser levado a sério, lá no mais profundo das nossas almas. É de fazer tremer o maior gigante dos edificadores. O que estamos fazendo vai ser passado pelo fogo. A “palha” e o “feno” religiosos vão-se queimar. As “pedras preciosas”, o “ouro”, a “prata”, símbolos das verdades fundamentais, vão resistir e permanecer. CUIDADO! Deus nos oriente. Amém. Que mantenhamos os fundamentos de Deus para a Igreja e que sejamos galardoados por nossas obras sábias de edificação da Igreja de Deus. Um texto como de I Coríntios 3.14-15 merece que sobre ele reflitamos com a mais absoluta seriedade, insistimos.

8 – A IGREJA É “SANTUÁRIO DE DEUS” (I Co.3.16).

Cada crente verdadeiro tem o Espírito Santo. A ação maior ou menor do Espírito depende da fidelidade do próprio indivíduo, ou ainda,

do propósito de Deus para a vida desse ou daquele indivíduo no que concerne à salvação, à fé, à vida, ao progresso espiritual. É o Espírito de Deus o agente de tudo isso. Sem o Espírito, nada feito. Cada convertido é morada do Espírito Santo. Logo, a Igreja, que é a soma dos convertidos, é “santuário do Deus vivente” (II Co.6.16); “é santuário do Espírito Santo que está em vós” ou seja, em nós (I Co.6.19). O termo “santuário”, em I Coríntios 3.16-17, nao/j (pronuncia-se naós), é empregado em relação ao lugar santo e ao santo dos santos do templo dos hebreus. Ali entravam os sacerdotes (no lugar santo) e o sumo sacerdote (no lugar santo dos santos, somente uma vez por ano). Assim, em nosso interior (em nossa alma ou espírito; alma, a mesma coisa que espírito), Deus, o Espírito Santo, habita. Irmãos, sejamos santos, porque o Deus que habita em nós é Santo, é Perfeito (Mt.5.48). I Coríntios 3.17 declara que “o santuário de Deus, que sois vós é sagrado”, isto é, nós somos os santos de Deus. A santificação plena esbarra no obstáculo do separacionismo denominacional, por quê? Porque o santuário é um corpo; e um corpo dividido, obviamente, inviabiliza o exercício em plenitude dessa santificação.

9 – A IGREJA É A FUSÃO ASSOCIATIVA DE CADA “NOVA CRIATURA” EM CRISTO (II Co.5.17).

A expressão: “se alguém está em Cristo”, é “expressão mística” e designa comunhão do nosso ser com o ser de Cristo. É por essa comunhão que o nosso ser vai-se transformando na imagem de Cristo. A Igreja não é associação dos que seguem um mesmo credo, mas dos que são novas criaturas; não é ajuntamento de pessoas reformadas, modificadas externamente, mas é o conagraçamento daquelas vidas recriadas, transubstanciadas, transmutadas a partir do cerne, do âmago, da parte mais íntima e interior do seu ser. Igreja é a nova sociedade daqueles que se desligaram das coisas antigas, terrenas, malignas e se apegaram às coisas celestiais próprias do novo céu e da nova terra (Cl.3.1-2; II Pe.3.13).

10 – A IGREJA É “O SAL DA TERRA” (Mt.5.13).

Um sal misturado com outra substância pode até ter aparência de sal, mas perde o seu sabor. O sal precisa ser puro para ser útil. Assim, a Igreja precisa ser pura e sendo pura, será útil a Deus e ao povo de Deus. A

figura do sal, antes de servir como determinativa das ações de adubar ou dar bom gosto ou mesmo de conservar a comida, alerta-nos para o fato de que a Igreja precisa viver na prática diária do que professa crer.

“O ‘TALMUDE’ mostra que o sal que não era puro e útil para ser usado nos ritos dos sacrifícios (que eram oferecidos com o sal), era lançado nos degraus e declives ao redor do templo, para impedir que o terreno se tornasse escorregadio, e assim, era pisado pelos homens”. Com isso, devemos ver que a Igreja precisa ser verdadeira, autêntica, real, para ter dignidade diante de Deus, de si mesma e dos homens que a cercam.

11 – A IGREJA É “A LUZ DO MUNDO” (Mt.5.14).

Ai do mundo se a luz se escurecer, minguar, apagar! A luz é útil. Apague-se a luz em nossas casas e a inoperância toma conta de nós. Faltou luz no Egito, que foi coberto pela nona praga, a das trevas, “por três dias” e “não viram uns aos outros, e ninguém se levantou do seu lugar por três dias; porém os filhos de Israel todos tinham luz nas suas habitações” (Ex.10.22-23).

A Igreja deve brilhar sem obstáculos. Sem dúvida a Igreja, vivendo aquilo que diz ser, modificará a desgraça em graça, a pobreza em riqueza, a morte em vida, o medo em coragem. Tal Igreja-luz será seguida por riqueza de Deus, saúde e vida abundante por Cristo. A Igreja, a soma dos crentes, foi feita de “luzeiros” resplandecentes “no mundo”. “Luzeiros no mundo” (Fp.2.15): quem pode ser? A Igreja, povo que foi iluminado pelo Cristo que é “a verdadeira luz que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem” (Jo.1.9). A Igreja, portanto, é constituída dos verdadeiros iluminados e assim sendo, é a luz do mundo que cambaleia nas trevas.

A lua reflete a luz do sol. A Igreja é um corpo luminoso, é mais que mero refletor, porque em nós habita a verdadeira luz de Cristo, o que nos dá a natureza da luz. Como Igreja somos fontes de luz para este mundo tenebroso. Qualquer que seja a luz que sejamos, nós o somos porque “Deus é luz, e não há nele treva nenhuma” e em Cristo, Deus nos iluminou (I Jo.1.5 e Jo.1.9). Portanto, resplandecemos perante os homens através do testemunho e das boas obras que falam do Cristo e do Pai (Mt.5.16), cuja cidade não tem noite, mas só DIA (Ap.21.23-25). Deus nos abençoe, iluminando-nos mais e mais com a sua luz. Somos “filhos da luz” (I Ts.5.5).

12 – A Igreja é o Corpo universal de Cristo que engloba todos os filhos de Deus por Cristo, único Salvador e Senhor, sem limite temporal ou espacial.

A Igreja inclui todos aqueles que foram remidos pelo sacrifício expiatório de Cristo Jesus feito na cruz. A “Igreja Universal” é a “Igreja de Deus” (I Co.10.32). Esta difere das “igrejas de Deus” (I Ts.2.14). As “igrejas” se dividem da Igreja evidente e neotestamentariamente, apenas, por causa exclusiva da localidade. A Igreja mencionada em Mateus 16.18 é a Igreja Universal. A igreja referida em Mateus 18.17 é a igreja da localidade.

13 – A Igreja Universal torna-se em igrejas locais, porque não há como estarem reunidos todos os filhos de Deus em um só lugar. A Igreja da localidade é a corporificação de todos os filhos de Deus remidos pelo sacrifício expiatório de Cristo na cruz, os quais devem estar unidos e reunidos no mesmo local em que vivem.

A igreja local tem a ver com o tempo e o espaço. É estreita. É pequena relativamente à Igreja Universal. Está ao alcance dos irmãos da localidade. Ela ouve, analisa e dá solução aos problemas dos seus membros. A igreja da localidade engloba, apenas, os salvos que residem na localidade.

A única permissão no Novo Testamento para dividir a Igreja Universal em igrejas é a localidade, como já vimos. Não vemos nas páginas do Novo Testamento nenhuma igreja denominacional, estatal, nacional, internacional ou mundial organizada por homens. A igreja local aparece em Mateus 18.17. Que Deus nos ajude a vivermos, na prática, Mateus 18.15-17. Amém.

O irmão Watchman Nee diz: “Verificamos que as Escrituras falam da “Igreja de Deus” no singular (I Co.10.32), mas encontramos as mesmas Escrituras referindo-se às “igrejas de Deus” no plural (I Ts.2.14). Como esta unidade se torna uma pluralidade? Como foi que a Igreja, que é essencialmente uma, veio a tornar-se muitas? A Igreja de Deus se dividiu em igrejas de Deus, por causa da diferença das localidades. Localidade é a única base bíblica para divisão da Igreja em igrejas” (“A Vida Normal da Igreja Cristã”, p.51, 3ª edição - 1991).

14 – A Igreja é a “casa de Deus” (I Tm. 3.15)

Timóteo deve saber “como se deve proceder na casa de Deus, que é a Igreja do Deus vivo” (I Tm.3.15). Em Gênesis 28.11-17, Jacó chamou certo lugar de “casa de Deus, a porta dos céus”. Gênesis 28.22 menciona certa “pedra” erigida por Jacó como “a casa de Deus”. No Antigo Testamento Deus morava no meio do seu povo através de um lugar, o santuário. Aí Ele habitava (Êx.25.8). Jacó encontrou a Deus num certo lugar. O povo de Israel encontrava a Deus no tabernáculo ou no templo. O mundo pode encontrar a Deus em nós, pois somos “o santuário do Deus vivente” (II Co.6.16). O mundo pode ver Deus em nós. Somos nós a casa de Deus. Senhor, habita-nos, somos tua residência. Amém.

No Antigo Testamento foram casa de Deus: a “pedra” de Jacó, conforme Gênesis 28.11-22; o “santuário”, de acordo com Êxodo 25.8; o “templo”, segundo Habacuque 2.20. Hoje vemos que a Casa de Deus somos nós. Somos o “santuário do Deus vivente” (II Co.6.16). Timóteo deve saber “como deve se proceder na casa de Deus, que é a Igreja do Deus vivo” (I Tm.3.15). Essa “Casa de Deus” é “Casa” de Cristo, e tal “Casa somos nós”, diz Hebreus 3.6.

Assim, a Igreja é a Casa de Deus. Nós somos a Igreja. Logo, somos a Casa de Deus. Em Cristo.



CAPÍTULO VII

IDENTIFICANDO A IGREJA DA
LOCALIDADE SEGUNDO O NOVO
TESTAMENTO E AS IGREJAS
DENOMINACIONAIS CONFORME
O ESQUEMA HUMANO

IDENTIFICANDO A IGREJA DA LOCALIDADE SEGUNDO O NOVO TESTAMENTO E AS IGREJAS DENOMINACIONAIS CONFORME O ESQUEMA HUMANO

O povo de Deus vive uma realidade eclesiástica extremamente confusa em virtude de se haver estabelecido um número infindo de sistemas denominacionais humanos, em lugar de se haver preservado a posição eclesiástica original, conforme é ensinada e praticada no Novo Testamento. A prática denominacionista perturba, prejudica a capacidade dos cristãos discernirem, de forma pura e isenta, o que está envolvido nessa questão particularmente séria e importante para a promoção do próprio reino de Deus entre os homens.

Há de se buscar, com urgência, compreender esse assunto e estabelecer-se com clareza a diferença que existe entre igreja local, segundo o Novo Testamento, e igreja denominacional, de acordo com o pensamento de homens.

Um bom caminho a seguir é fazermos, honesta e bíblicamente, comparação entre a igreja da localidade, como ensina o Novo Testamento, com as igrejas das denominações como determinam os manuais ou as manias dos homens.

I – IGREJA LOCAL SEGUNDO O NOVO TESTAMENTO

1 – É a soma de todos os filhos de Deus em Cristo que residem na localidade (Filipenses 1.1; Atos 8.1-3).

2 – É inclusiva, isto é, todos os filhos de Deus da localidade são seus membros. Torna possível uma comunhão diária, perseverante e unânime do povo de Deus da localidade, “no templo” e “de casa em casa”, onde se pode viver comunhão verdadeira que se manifesta pela “alegria”, pela “singularidade de coração” e daí advém acrescentamento numérico pela salvação de vidas “dia-a-dia” (At.2.46-47).

3 – É local. Seu governo, seu campo de ação não ultrapassa, por força do ensino do Novo Testamento, os limites da localidade. Seus estudos doutrinários, suas metas a serem alcançadas, seus empreendimentos vêm do presbitério da própria localidade. Paulo ordena aos anciãos da Igreja em Éfeso, que apascentem Éfeso (At.20.28). Não manda que cuidem dos crentes de Esmirna ou Sardes. Seu campo é o de Éfeso. Apóstolos é que trabalham na extra localidade.

4 – Tem governo plural. À sua frente estão presbíteros e não apenas um presbítero.

Atos 14.23 e 20.17 mostram pluralidade de líderes presbiteriais para governarem a igreja local. Não é fácil, no presbitério plural, que alguém domine o rebanho do Senhor. Provérbios 11.14 declara que “na multidão de conselheiros há segurança”.

5 – Os presbíteros, como guias espirituais, representam exclusivamente os interesses da igreja na localidade.

6 – É única. Cada localidade só tem uma e uma única igreja. Assim é o caso de Éfeso, de Filadélfia, de Jerusalém , etc.

Em todo o Novo Testamento não há exemplo de mais de uma igreja em um local. É lamentável que hoje isto não seja praticado. Paulo, sabendo que em certo lugar já havia igreja, deixava tal local e ia em frente, “para não edificar sobre fundamento alheio” (Rm.15.20-21). Grupo que se instale como igreja local, onde já existe a igreja da localidade conforme o Novo Testamento estabelece, não passa de mais uma denominação, embora, mentindo, diga que é igreja local.

7 – Tem sua liderança tirada do próprio seio da igreja da localidade.

Atos 14.19-23 mostra isto: Paulo e Barnabé estão promovendo, “em cada igreja, a eleição de presbíteros”. De acordo com Tito 1.4-5, Paulo deu autoridade a Tito para que, “em Creta”, pusesse “em ordem as cousas restantes, bem como, em cada cidade” fossem constituídos “presbíteros, conforme te prescrevi”, diz o apóstolo.

Creta, ilha montanhosa ao sul do Mar Egeu, com “cerca de 250 Km de comprimento, variando em largura de 11 a 56 km”. Creta continha nada menos de “100 cidades nos tempos antigos”.

Eram várias as igrejas em Creta. Cada igreja era servida pela pluralidade de presbíteros tirados do próprio local.

8 – Estabelece a unidade do povo de Deus, quando mantém a unidade da congregação local.

Segundo o Novo Testamento, só encontramos uma, uma única igreja na localidade. A igreja da localidade acolhe, como membro, aquele a quem Deus acolheu como seu (Rm.14.1-3).

9 – O presbitério de igreja local neotestamentária tem seu campo de serviço restrito à localidade, na qual a igreja vive. Assim, presbíteros de Éfeso não servem à Igreja em Esmirna ou a qualquer outra Igreja. **SÓ SERVEM EM ÉFESO.**

10 – A igreja, por ser local, não passa alguma possível heresia para outros locais ou igrejas.

Cada igreja, em Apocalipse 2 e 3, tinha a sua característica ou seus problemas específicos e por isso, recebe o seu tratamento específico. As dificuldades e circunstâncias não eram generalizadas. Assim, Éfeso abandonou o seu “primeiro amor” (Ap.2.4); Esmirna era atribulada (Ap.2.9); Pérgamo tinha “os que sustentam a doutrina de Balaão” (Ap.2.14); Tiatira tolerava a falsa profetiza “Jezabel” (Ap.2.20); Em Sardes havia morte (Ap.3.1); Filadélfia recebeu “uma porta aberta”(Ap.3.8); Laodicéia era morna (Ap.3.15-16).

Lendo-se Apocalipse 2 e 3, observamos Jesus enviando para cada igreja uma carta pessoal. Os problemas de Éfeso ficaram em Éfeso, não passaram para Esmirna ou Filadélfia. Por não ter autoridade extralocal, uma igreja neotestamentária fica impedida de passar seus problemas, sua corrupção para outra igreja.

Imaginemos como seriam as sete igrejas da Ásia, caso fossem igrejas denominacionais, com intercâmbio administrativo entre si, propiciando a generalização dos problemas existentes em cada uma dessas igrejas em particular. Não fica difícil concluir quanto ao trágico e desastroso efeito desse processo de contaminação intereclesiástica.

Atos 20.17-35 nos ensina que cabe ao presbitério local cuidar dos problemas do rebanho local. É o que Paulo, o apóstolo inspirado, estabelece.

II – IGREJA DENOMINACIONAL CONFORME O ESQUEMA HUMANO

1 – É a soma de uma parte dos filhos de Deus, apenas, da localidade.

2 – É exclusiva, isto é, arrola somente como seus membros, apenas, os que seguem seus “credos”. Essa igreja congrega, apenas, uma parte dos crentes da localidade e rejeita os demais salvos da mesma localidade, por causa dos princípios religiosos que mantém. Igreja denominacional separa da sua agremiação santos que Deus em Cristo agregou.

3 – É extralocal. Seu governo, seu campo de ação não se limita à localidade. O que uma igreja denominacional crê, sua “declaração de fé”, seus estudos doutrinários básicos não vêm (ou podem não vir) dos seus presbíteros locais, mas de fontes extralocais. Igreja denominacional é, ou pode ser, regional, interestadual, nacional, mundial.

4 – Geralmente tem um líder-chefe, o qual pode ser chamado pastor, ancião, reverendo, padre, etc. O denominacionalismo tende a oferecer ao líder-chefe da igreja um certo status de monarca-dominador.

5 – O líder-chefe, chamado pastor, ancião, reverendo ou padre, representa os interesses da sua denominação, que é movimento extralocal.

6 – Pode haver numa mesma localidade várias igrejas da mesma denominação.

É numericamente indeterminada. Uma igreja denominacional ao se instalar numa localidade, planta um grupo religioso e determina suas crenças ou credos, costumes e propósitos. Funda-se, assim, uma igreja “filial” da matriz extralocal, sem considerar se já existe ali a igreja local, como até mesmo ignora a presença de outra ou outras igrejas denominacionais.

7 – Geralmente recruta a sua liderança fora da localidade.

Seu trabalhador máximo, o pastor, por exemplo, é treinado, por princípio, extralocalmente, em instituição teológica oficial da denominação, instituição essa que estabelece “as linhas”, as doutrinas ou fundamentos normativos da respectiva denominação. Esses centros extralocais chamados

Escolas Bíblicas, Institutos Bíblicos, Seminários, etc. são fontes perigosas, porque ao mandarem bons princípios da Palavra para as igrejas, enviam o seu partidarismo denominacional também e podem enviar outras here-sias.

8 – Divide e subdivide a Igreja de Deus, a qual vira pedaços que recebem nomes que homens lhes arranjam.

O denominacionalismo estilhaça a Igreja e cada estilhaço recebe o nome de igreja e cada uma dessas igrejas estilhaçadas recebe um guia espiritual, o qual ganha posição de mentor espiritual. É o pastor, o padre, o bispo, etc. O denominacionalismo implode ou explode a Igreja, a qual vira um amontoado de campinhos eclesiásticos monopastoreados, pobres arremedos daquilo que deveriam ser as igrejas locais, segundo o modelo determinado pelo próprio Senhor Jesus, o Cabeça da Igreja.

9 – O presbítero, ou o pastor, ou o reverendo, ou o líder duma igreja denominacional serve a outras localidades além da sua.

Um pastor ordenado numa igreja de denominação está apto a pastorear qualquer outra igreja. O pastor protestante tem um título clerical que lhe garante honraria por onde vai andando. O clero protestante é um prolongamento do clero romano. É a versão protestante do clero romano. Do povo de Deus é de se esperar melhor visão, ou seja, a visão e a prática do real governo neotestamentário, o governo da igreja da localidade pelo presbitério.

10 – Passa qualquer possível heresia que possua para outras igrejas além da sua localidade, pelo fato de a elas estar ligada por uma rede eclesiástica que leva não só o que de bom possa possuir, mas também as suas heresias e mazelas. A igreja denominacional pode escoar, através da rede de sua denominação para as igrejas além do seu local, todo “lixo” que possua, que contamina e mata. Se as sete igrejas da Ásia fossem igrejas de uma denominação, talvez o “presidente”, “o secretário executivo” ou qualquer “chefe” tentasse resolver tudo com uma circular. Sendo igrejas locais, independentes, Jesus enviou uma carta para cada igreja em particular. Isso não quer dizer que cada uma daquelas igrejas não pudesse ser edificada, abençoada ou exortada pelas cartas endereçadas às suas co-irmãs. Quer dizer, apenas, que a cada igreja o Senhor deu o devido tratamento, direto

e particular de que cada uma carecia, consideradas as peculiaridades, tanto positivas, quanto negativas de cada igreja.

A liderança denominacional não tem como resolver os problemas de modo profícuo, eficiente, das agências eclesiais da sua denominação, porque tais agências estão longe dos seus olhos e, nessas condições, via de regra, tem de ser prescrita uma fórmula “mágica” para “solucionar”, para “sanar” as dificuldades. É como certo médico que, não podendo consultar pessoalmente o paciente, mas sabendo que o tal paciente era hipertenso e que estava com forte dor de cabeça e zozno, receitou-lhe, de longe, remédio forte para abaixar a pressão. E o paciente morreu. Por quê? Porque, desta vez, o doente estava com a pressão muito baixa. A medicação foi para morte. Isso pôde ocorrer, porque o médico não consultou ao paciente pessoalmente, mas receitou à distância.

Só o presbitério local tem a capacidade de poder saber bem todo e qualquer tipo de problema do rebanho. Discutir ou questionar tal posição é possível, mas se trata, apenas, de mais uma tagarelice, usando uma expressão de Paulo, sem utilidade e fútil (Tt.3.9b).

ALGUMAS CONCLUSÕES

1 – A igreja local, segundo o Novo Testamento, dispensa um homem clerical, ou seja, um pastor ou presbítero ou ancião ou padre ou reverendo. A igreja da localidade é servida por um grupo de homens, por um presbíterio plural, em igualdade de autoridade administrativa.

2 – A Igreja é insubstituível. Jesus não criou denominações, mas criou a Igreja. A denominação é descartável. É continente insuficiente, incapaz de conter toda a verdade necessária da Igreja de Deus.

3 – A passagem da denominação para a igreja da localidade é geralmente dolorosa, e muitos resistem enfrentar essa realidade. Mas é preciso passar, quando Deus dá visão do mistério (Efésios 5.32).

4 – Deixar a igreja denominacional dos homens e passar para a igreja do local segundo o Novo Testamento, traz lutas. É semelhante a sair de Babilônia com Esdras, Neemias, Zorobabel e outros, para ir em busca de Jerusalém. Por quê? Porque entre Babilônia e Jerusalém, há um trecho a ser viajado, há deserto quente, árido, seco, triste, doloroso. Mas haverá glória ao entrar em Jerusalém.

5 – Ao sair da igreja denominacional para a igreja na localidade, o crente tem de desaprender os erros que ficam no seu inconsciente e lutar para aprender e praticar as verdades da Igreja conforme o Novo Testamento. Por outro lado, a religião denominacional é terrível: deixa saudade das glórias do mundo religioso, assim como os israelitas tiveram saudades “das comidas dos egípcios”, “dos peixes... dos pepinos... dos melões... dos alhos silvestres... das cebolas e dos alhos” (Nm.11.4-5). Se é um clérigo (um pastor), aí, a coisa fica pior. Pois ao sair do “Egito”, até entrar em Canaã, há o deserto. Não nos esqueçamos: há o período transitório. Não deve, porém, haver acomodação ao status de deserto. Nosso alvo é Canaã (a Igreja). Desencorajada pela aridez do deserto, a pessoa pode desejar retornar ao “Egito” (à denominação). Retornar ao Egito, à denominação, é uma frustração e deve ser evitado, a todo custo, pela graça e orientação de Deus.

6 – Como proceder para com aqueles que estão querendo sair da sua denominação para a igreja da localidade? Sem proselitismo, mas aconselhando a que estudem sério a Bíblia; que amadureçam suas convicções eclesiais e que só saiam das suas denominações quando souberem o que é igreja local neotestamentária; e que dêem testemunho sério, claro, perante os irmãos de sua igreja denominacional a respeito da igreja local do Novo Testamento e tudo isso seja feito ou dito sem briga nem ódio, mas por amor e convicção.

7 – A Igreja do Novo Testamento é inclusiva: isto é, ela deve incluir todo aquele que for filho de Deus. No entanto, se alguém causa escândalo, tal escandaloso deve ser excluído da comunhão dos membros, conforme ensina o Novo Testamento (I Co.5.13b).

8 – Os irmãos de encargo da Igreja, ou da obra apostólica, precisam ter profunda convicção de que o governo da Igreja e da obra apostólica é teocrático. As decisões a serem tomadas por esses irmãos de encargo, portanto, devem ser por unanimidade, pois que todo nosso parecer deve advir do Espírito Santo que nos guia a toda verdade (At.15.27-29).

9 – É necessário saber, bem, o que é igreja na localidade e o que é igreja denominacional, pois hoje temos muita coisa chamada igreja ou comunidade local, que nada mais é do que igreja denominacional, embora com nome de igreja local ou comunidade tal. Deus nos guarde e ilumine. Amém.



CAPÍTULO VIII

O NOME DA IGREJA CONFORME
O NOVO TESTAMENTO

O NOME DA IGREJA CONFORME O NOVO TESTAMENTO

1 – O nome, sempre elemento de **identificação**, é muito importante no relacionamento do homem com a comunidade ou no relacionamento interpessoal. Desse modo, antes de a criança nascer, muitas vezes, já o seu nome foi escolhido. Moisés quis saber qual era o nome de Deus, quando por Ele foi enviado ao Egito para libertar os filhos de Israel (Êx.3.13-14). João Batista teve seu nome escolhido antes de nascer (Lc.1.13,57-63).

2 – Também, a igreja na sua expressão local tem o seu nome: é o nome da localidade. Assim como o pai dá nome ao filho, Deus, o Pai da Igreja, é quem dá o nome à Sua Igreja. Deus deu o nome da localidade onde a igreja está, como sendo o nome da igreja, como se pode constatar neotestamentariamente: Igreja em Jerusalém (At.8.1-3); Igreja em Antioquia (At.13.1); Igreja em Cencréia (Rm.16.1,2); Igreja em Corinto (I Co.1.2; II Co.1.1); Igreja em Éfeso (Ap.2.1); Igreja em Esmirna (Ap.2.8); Igreja em Pérgamo (Ap.2.12); Igreja em Tiatira (Ap.2.18); Igreja em Sardes (Ap.3.1); Igreja em Filadélfia (Ap.3.7); Igreja em Laodicéia (Ap.3.14). **Em todo o Novo Testamento, a Igreja é denominada pelo nome da sua localidade.** Foi Deus quem fez isto e é maravilhoso. Esta é a **ÚNICA** denominação legítima da Igreja, isto é, a Igreja é denominada pela localidade. Assim, a igreja se chama, unicamente, no Novo Testamento, pelo nome do local de sua base, como Igreja em Jerusalém, em Cencréia, e é desse modo que devem continuar sendo conhecidas as Igrejas do Senhor. Por exemplo, Igreja em Vitória, em São Mateus , etc.

3 – Uma distinção necessária: que se faça diferença entre **denominação** da igreja e **posse** da Igreja.

Certa vez, há muitos anos, um irmão me falou: só há um nome certo para a Igreja. A igreja deve ser chamada, disse ele, “Igreja de Deus”, e citou I Coríntios 1.2. A essa altura, desfiz o equívoco, dizendo-lhe, pela orientação do Espírito de Deus: aí, não temos denominação. Temos possessão. O caso grego, igreja “de Deus”, não é nominativo, é genitivo de posse; quer dizer, Paulo está escrevendo à Igreja em Corinto, da qual

Deus é o dono e possuidor. Diz o grego: “τῆς ἐκκλησίας τοῦ Θεοῦ”, que se pronuncia: **Ti eclissia tu Theú**. Ora, **Theú** (Θεοῦ) é genitivo de posse. Se fosse nome, a expressão estaria no caso nominativo e não no genitivo; seria Qeo/j (pronuncia-se **Theós**), que é nominativo, o caso que dá o nome. Em I Coríntios 1.2; 10.32 e Atos 20.28, aparecem igreja “de Deus”: do grego τοῦ Θεοῦ (pronúncia: **Tu Theú**). Ora, em todos estes textos aparece o caso genitivo de posse e não nominativo. Genitivo é caso não de denominação, mas de possessão.

É preciso notar, também, que em Romanos 16.16, Paulo fala das “igrejas **de Cristo**” e em I Coríntios 14.33, o apóstolo se refere às “igrejas **dos santos**”. “De Cristo” vem do grego: τοῦ Χριστοῦ, pronuncia: **Tu Cristu**. É um genitivo, um possessivo, não um nominativo. A expressão “igrejas **de Cristo**” não pode ser denominação. É um caso de possessão. Essas igrejas pertencem a Cristo. Semelhantemente, “igrejas **dos santos**”, do grego, τῶν ἀγίων, que se pronuncia, **ton raguion**, é também um genitivo plural. Não é nominativo, não expressa nome e sim posse. São as igrejas que pertencem aos santos, ou das quais são os santos.

Concluindo, saibamos que Deus está interessado em que a Igreja tenha o nome correto, o da localidade e **SÓ**. O nome da localidade é para a identificação correta do povo de Deus ali residente. Deus tem permitido nomes sectaristas denominacionais, assim como tem permitido outros males no mundo. Mas o plano de Deus é que cada igreja local tenha, apenas, o nome da localidade. Os nomes denominacionais são intromissão “babilônica” no plano de Deus. Deus nos dê humildade para obedecermos a Sua Palavra e chamarmos a igreja pelo nome da localidade na qual ela se encontra. É isto que Deus quer. Aleluia. Amém.

A grayscale image of a fountain pen resting on a document with cursive handwriting. The pen is positioned diagonally across the frame, with its nib pointing towards the bottom left. The background is a light, textured surface, possibly a book cover or endpaper, with a faint, repeating pattern of the same pen and document. The overall tone is muted and elegant.

CAPÍTULO IX

SOBRE A DEPENDÊNCIA
E A INDEPENDÊNCIA
ENTRE AS IGREJAS

SOBRE A DEPENDÊNCIA E A INDEPENDÊNCIA ENTRE AS IGREJAS

1 – As Igrejas de Deus se ligam e se interligam formando uma unidade: unidade de dependência e de independência. As igrejas são dependentes, em TUDO, de Deus; enquanto que, administrativamente, essas mesmas igrejas não dependem umas das outras. Do ponto de vista administrativo, as igrejas locais são independentes entre si. As igrejas dependem de Deus tanto em questões de administração quanto de comunhão ou , para mais bem falar, dependem de Deus em tudo. No que concerne à comunhão, ao amor, à ajuda mútua, as igrejas locais dependem umas das outras. A comunhão não tem limites: “O Céu é o Limite”. A comunhão não tem apenas dimensão horizontal: comunhão entre as igrejas na terra. Tem também outra dimensão: a vertical, comunhão de cada igreja com o Senhor. Em síntese: administrativamente e no que diz respeito à comunhão e em tudo o mais, as igrejas locais todas, em unidade, devem depender de Deus. Do ponto de vista administrativo, as igrejas locais não dependem umas das outras, porém, em matéria de comunhão as igrejas locais são dependentes entre si.

2 – No tocante à comunhão, ao amor, à ajuda mútua, achamos dados bíblicos que mostram exemplos de interligamento e dependência entre as igrejas. Paulo diz: “Despojei outras igrejas, recebendo salário, para vos poder servir” (II Co.11.8). Outras igrejas ajudaram à de Corinto, como vemos pelo texto referido, como esforço espontâneo de amor, mas não como obrigação administrativa, legal, estatutária. Não havia um plano cooperativo regional, nacional ou internacional impondo taxa de contribuição. Não. Nada disso.

Paulo mostra em II Coríntios 12.13, que houve igrejas que o ajudaram financeiramente para que ele pudesse servir às próprias igrejas. Corinto não o ajudou financeiramente (II Co.11.7-9). Assim mesmo, ele ajudou Corinto. E como ajudou!

Romanos 16.3-4 menciona “todas as igrejas dos gentios” gratas a Priscila e a Áquila, “os quais pela minha vida (de Paulo) arriscaram as

suas próprias cabeças”. O texto revela a profunda comunhão do Corpo de Cristo.

Em virtude do seu apostolado que resultou na fundação e edificação das igrejas da Galácia, Paulo ordenou a tais igrejas (I Co.16.1), que levantassem “coleta para os santos”: coleta de amor, fruto de comunhão e de submissão espiritual, para ajudar os desfavorecidos materialmente.

Atos 11.27-30 mostra-nos um quadro de interdependência entre as igrejas, no que concerne ao amor e à comunhão. Por causa da fome que sobreveio “por todo o mundo... nos dias de Cláudio...os discípulos resolveram enviar socorro aos irmãos que moravam na Judéia”, socorro esse enviado “aos presbíteros por intermédio de Barnabé e de Saulo”.

Que lindo! A pluralidade das igrejas e a independência administrativa entre elas não prejudicaram a interdependência em matéria de comunhão, amor e ajuda mútua dentro da rede eclesíastica do Novo Testamento.

A idéia da unidade eclesíastica, em matéria de comunhão e amor, impulsionava o coração de Paulo, apóstolo de Cristo, a cooperar com as igrejas de Deus pelas localidades. As igrejas dos santos eram veículos da paz ao tempo de Paulo (I Co.14.33). Há uma unidade de paz nas igrejas dos santos.



CAPÍTULO X

A QUESTÃO DOS PRESBÍTEROS
NEOTESTAMENTÁRIOS

A QUESTÃO DOS PRESBÍTEROS NEOTESTAMENTÁRIOS

O assunto merece reflexão e exige disposição e seriedade para tomar-se a cruz, se o que se pretende é continuar seguindo, com verdade, a Cristo. A verdade do Novo Testamento pode mexer com as suas convicções estabelecidas, “ortodoxas”. Mas se o coração do leitor é sincero, sua cabeça emitirá juízo a favor do que é verdadeiro e sua vontade em Cristo o levará pelo único e vivo caminho: Jesus, o Cristo. Este é o Senhor. Ele disse: ... “e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo.8.32).

CONSIDEREMOS ALGUMAS NOTAS SOBRE OS PRESBÍTEROS DO NOVO TESTAMENTO:

1. A igreja da localidade deve ser dirigida por um grupo de homens fiéis, conselheiros sábios, não neófitos, recrutados do próprio local da igreja, padrões de fé e guias espirituais sérios (Hb.13.7,17; I Tm.3.1-7), homens que velam pelo rebanho (At.20.17-28), divinamente qualificados: são os presbíteros ou anciãos da igreja na localidade.

2. Os presbíteros fazem parte do presbitério, termo este que significa conjunto de presbíteros reunidos para considerar assuntos que lhes digam respeito. Presbitério é um vocábulo que só aparece em I Timóteo 4.14, onde designa o conjunto dos presbíteros congregados para considerar o ministério de Timóteo, para impor as mãos sobre esse novo servidor do Senhor Jesus Cristo.

Em Atos 22.5, aparece a palavra presbute/rion, que se translitera presbitério que, no caso, é o “conselho de anciãos” de Israel, não da Igreja. Em I Timóteo 4.14, temos o “conselho de anciãos” ou o “presbitério” nitidamente da Igreja ou da Nova Aliança.

3. Significado do termo presbítero.

Presbítero não é tradução mas transliteração do vocábulo grego, presbu/teroj, cujo significado é “ancião”, “velho”, “antigo”, “mais velho”. Em Lucas 15.25, há uma referência ao irmão do filho pródigo como “o

mais velho”. Esta expressão, “o mais velho”, é tradução do original *presbu/teroj*, que se translitera presbítero. Entre os judeus, presbíteros eram conselheiros, membros do Sinédrio. Essa posição era inicialmente dada aos velhos entre as tribos de Israel. Textos como Levítico 4.15, Números 11.16, Rute 4.2, II Crônicas 10.8, Provérbios 31.23, Mateus 16.21, bem como Lucas 7.3, mostram que Israel ou os judeus tiveram seus anciãos ou presbíteros, antes de as igrejas os terem.

Em Lucas 7.2-3, os “anciãos” ou “presbíteros” são líderes judaicos enviados por um centurião para rogarem a Jesus que fosse curar um escravo doente do próprio centurião. Fique claro: não eram esses presbíteros, dos textos acima, anciãos da igreja na localidade e sim, ainda, anciãos de Israel ou dos judeus.

4. Atos 20.17-38 é um trecho das Escrituras que nos traz ricas lições que devemos aprender e viver, para mais bem entendermos a questão do presbíterato neotestamentário.

É oportuno observar que o termo grego, *presbu/teroj*, de Atos 20.17, é traduzido por “anciãos” pela “Edição Revista e Corrigida” da “Imprensa Bíblica Brasileira”, enquanto a “Edição Revista e Atualizada no Brasil” da “Sociedade Bíblica do Brasil” não traduz, porém, translitera o termo grego como “presbítero”. Atos 20.17 emprega o termo no plural. Faço a explicação no singular, para facilitar a compreensão do iniciante.

Portanto, “ancião” é o mesmo “presbítero”. E ambos os termos designam uma pessoa que tem o encargo, junto de outras, da edificação da igreja local.

Observemos, pois, algumas lições que Atos 20.17-38 nos proporciona:

4.1. Que os presbíteros ou anciãos são “da” Igreja. Eles são “propriedade”, são “possuídos” pela igreja da localidade. Notemos: Paulo não mandou chamar os presbíteros de uma das igrejas de Éfeso, mas os presbíteros da IGREJA DE ÉFESO. Biblicamente, só pode haver uma única igreja numa cidade. Nem tampouco, mandou chamar os presbíteros das igrejas de Éfeso. A cidade de Éfeso só tem uma única igreja. Não mandou que viesse o bispo chefe e seus auxiliares, pois tais homens não existiam nesses tempos. Paulo não convidou o presidente da Igreja de Éfeso e seus presbíteros auxiliares, nem fez convite ao pastor titular e aos seus co-pas-

tores. O apóstolo fez convite aos presbíteros, todos co-iguais na direção da Igreja em Éfeso. Não havia hierarquia entre os presbíteros dos tempos apostólicos, como se pode deduzir de Atos 20.17. Igualdade é o termo definidor da posição dos trabalhadores de nível presbiterial da Igreja em Éfeso e das igrejas em todo o Novo Testamento. Glória a Deus!

Diz Russell N. Champlin, comentando Atos 20.17: “Inácio mostramos que, na primeira metade do segundo século da era cristã, o ofício de bispo se tinha desenvolvido, envolvendo maior parcela de autoridade do que o ofício de ancião. Mas, isso foi um desenvolvimento ocorrido dentro da história eclesiástica, não fazendo parte do ensino bíblico e das práticas apostólicas”.

Portanto, os presbíteros chamados de Éfeso por Paulo são da Igreja e eles são vários e são co-iguais, sem hierarquia entre si. E o povo ao qual eles servem se constitui em uma só igreja e não em mais de uma. Vemos aqui pluralidade de presbíteros, mas unidade de igreja. Hoje, neste século, a situação é diferente: vemos pluralidade de igrejas numa só cidade. Diferente do Novo Testamento, há mais de uma igreja numa só localidade e cada igreja tem, geralmente, um só, UM SÓ pastor e não vários presbíteros co-iguais como era nos tempos dos apóstolos. Que Deus nos faça retornar ao que era, pois é o que deve ser.

4.2. Esses presbíteros de Éfeso tiveram o privilégio de ser formados por um mestre, Paulo, homem de vida exemplar. Atos 20.18 mostra-nos como Paulo os ensinava, não só por palavras, mas por seu próprio procedimento correto, cristão e perseverantemente virtuoso, durante “todo o tempo desde o primeiro dia em que entrei na Ásia”. Paulo nos mostra que o ensino tem que ser corroborado com o exemplo de vida correta, ilibada, santa. Paulo tomou os presbíteros todos de Éfeso como suas testemunhas do seu modo de viver. Felizes os presbíteros que podem contar com a vida de um apóstolo como Paulo. Afinal, o ensino de um mestre sem vida cristã comprometida com Deus nada mais é do que palavra vazia, que é desprezível. Atos 20.18-27 dá-nos relato de um apóstolo que cumpriu cabalmente seu ministério de ensino e preparação dos presbíteros de Éfeso. Foi extraordinário o seu modo de viver e de ensinar, diariamente, de casa em casa, noite e dia. Não é sem razão que a vida de Paulo, após dois milênios, ainda nos fale tão poderosa e bendita mensagem para o nosso servir como presbíteros ou anciãos do povo de Deus. Paulo nada

cobiçou de ninguém (At.20.33); trabalhava para manter-se e para manter outros companheiros, para a ninguém ser pesado (At.20.34). Que presbitério deve ter sido, naqueles dias, o de Éfeso! Daí, terem sido tão apagados ao amado Paulo (At.20.36-38).

4.3. Os presbíteros de Éfeso devem olhar em duas direções: devem olhar para dentro de si e ao redor de si. Precisam dar atenção a si mesmos e ao mesmo tempo, têm o dever de manter seus olhos fixos sobre o rebanho de Deus.

Observando-se Atos 20.28, vemos que são os próprios presbíteros que devem olhar por si mesmos. Há anos atrás, alguns líderes considerados exponenciais pertencentes a alguns grupos religiosos, colocavam o seu ministério sob a “guarda” de outro líder também considerado grande. Um religioso deste Estado coloca-se sob a “guarda” e discipulado de outro lá doutro Estado da Federação Brasileira, ou até mesmo de outro país. Isso pode até parecer cristão, mas não é bíblico. Talvez seja cômodo, porque alguém deste Estado da Federação tendo de ouvir um discipulador que está longe, não o pode ouvir de fato. Assim, o pretense discípulo faz o que quer e o discipulador “faz-de-conta”, lá de longe, de nada sabe e fica tudo “bom”. Ora, Paulo ordena: “Atendei por vós”. “Olhai por vós”. Olhai por vós mesmos, onde residis. Os defensores desse discipulado estranho e ineficiente falam de “cobertura”. Certo pretense discipulador lá doutras terras toma conta da alma, do caráter do outro que está muito longe dele. A esse discipulado “faz-de-conta” chamam de “cobertura espiritual”. Ora, somos cobertos pelo povo de Deus, os santos do Senhor da localidade onde residimos. Outra “cobertura”, além dessa da localidade, pode ser inovação de quem deve ter pouca coisa a fazer, parece-nos. Queremos proteção? Tenhamo-la em Cristo e na comunhão dos santos da localidade e na intercessão dos crentes em geral. É pela visão dos santos que, observando nosso dia a dia, somos cobertos. As desculpas “esfarrapadas” que podem alguns arranjar, são insuficientes para justificar a busca de tal “cobertura”. Atos 20.17 mostra-nos Paulo exortando os anciãos da localidade de Éfeso a tratarem dos seus próprios problemas entre si sem qualquer envolvimento com nenhuma outra localidade. O campo dos presbíteros ou anciãos é a localidade em que vivem.

Paulo apela aos anciãos quanto ao seu modo de viver. Devem cuidar de si. Ao mesmo tempo devem cuidar do rebanho. A Igreja é rebanho

e os presbíteros, no seu CONJUNTO, devem levar o rebanho a pastos verdejantes e a águas tranqüilas e têm o dever de guardar o rebanho dos lobos vorazes. Apascentar é dar comida, água, proteção, zelo, equilíbrio e orientação ao rebanho ou à Igreja de Deus através do viver exemplar dos apascentadores diante dos fiéis e perante o misericordioso Deus.

4.4. Esses presbíteros ou anciãos são, também, “supervisores”, conforme diz Atos 20.28. Os presbíteros em Éfeso devem supervisionar a Igreja. Paulo exorta: “Olhai” pelo “rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos”. Quer dizer, os presbíteros são bispos não além de Éfeso, mas só em Éfeso. Esses homens constituídos pelo Espírito Santo, à frente do rebanho, devem ser supervisores, vigias, gerentes, superintendentes do próprio rebanho. NUNCA devem ser bispos regionais ou universais das Igrejas de Deus. Os bispos regionais e universais existentes neste século chegam a ser uns pobres coitados do ponto de vista espiritual, pois foram levados a esse episcopado religioso-mundano pelos homens. Foram feitos chefes não pela vontade de Deus. Biblicamente, bispos são os mesmos presbíteros e são, apenas, supervisores locais, nada além disso.

Observemos, que não apenas um, mas TODOS os presbíteros eram bispos, igualmente, sem nenhuma hierarquia entre eles. Nenhum dos presbíteros era bispo sobre os demais presbíteros, como depois começou a ocorrer e como ainda hoje ocorre. Demônios do poder religioso mantêm tal episcopado nesta história nefanda e desviada do Cristianismo do primeiro século. A partir do “século II D.C.”, é que um presbítero começou a ser destacado para “governar certo número de igrejas” em certo “território”. Portanto, trata-se de desvio da história eclesiástica, depois dos apóstolos. Deus só quer que seus presbíteros sejam supervisores ou bispos locais. Hierarquia de um episcopado é coisa do diabo, pois é próprio dele querer ser grande. Homens que dizem ser “de Deus” devem atentar melhor para isso.

4.5. A razão de ser do trabalho dos presbíteros ou bispos de Éfeso é o apascentamento da “Igreja de Deus” (At.20.28). Não é igreja de homens, mas “Igreja de Deus”. Não é igreja denominacional. Não é igreja nacional. Nem é igreja surgida de certa confissão de fé. Não é igreja estabelecida fora dos princípios do Novo Testamento. A igreja é “Igreja de

Deus”. É a ecliissia tu theú (do grego, e¹kkhlsi/a tou^α Qeou^α). “De Deus” é tradução de um genitivo de posse. Não se trata, em nenhuma hipótese, de denominação, mas de possessão. Trata-se da “Igreja de Deus”, apenas da Igreja que pertence a Deus. Nada mais. Nada menos. Só isto mesmo. A Igreja é de Deus, por isso a Igreja de Deus local deve ser toda a cogitação dos santos irmãos do presbitério na localidade.

4.6. Uma outra muito importante lição é que os presbíteros das igrejas do Novo Testamento lidam com “a Igreja de Deus, a qual Ele comprou com o seu próprio sangue” (At.20.28). Que significa isto? Significa que lidamos com o povo de Deus, não povo dos homens. Significa que Deus derramou o seu próprio sangue e significa, ainda, que Jesus, o Cristo, é Deus que se fez homem, é Deus-Homem. “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo.1.14). Deus fez-se Homem e por sua morte de cruz derramou o seu sangue por nós, comprou-nos, tornando-se o “primogênito entre muitos irmãos” (Rm.8.29). Jesus é o nosso irmão mais velho. O unigênito de Deus tornou-se o primogênito de Deus “entre muitos irmãos”.

Os presbíteros devem levar seu encargo muito a sério: lidamos diretamente com o rebanho LOCAL, a igreja da localidade que Deus comprou mediante o derramar do seu sangue na Pessoa do Senhor Jesus Cristo, o Deus-Homem.

4.7. Os presbíteros ou anciãos ou bispos de Éfeso, conforme Atos 20.29-32, devem estar atentos, vigilantes contra “lobos vorazes” que “penetrarão” “entre” os discípulos. Tais falsos obreiros “não pouparão” os servos de Deus.

Esses mestres não são, por natureza, da Igreja. São “lobos” e não “ovelhas”. A expressão, “penetrarão” “entre” os discípulos, argumenta a favor da tese de que não são do rebanho. Caso fossem, não penetrariam. Já estariam lá dentro. São escravos de Satanás, são “lobos vorazes que não pouparão” o redil do Senhor (At.20.29).

Atos 20.30 declara “que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando cousas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles”.

Paulo fala de dois tipos de adversários: “lobos vorazes” que “penetrarão” no “rebanho” para fazer-lhe mal (At.20.29). Esses “lobos” são

inimigos externos que “penetrarão” na agremiação dos santos. Mas, o próprio Paulo adverte contra pessoas perversas que “dentre” os próprios irmãos da igreja efesina “se levantarão”. São “homens” que estarão “falando cousas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles” (At.20.30).

O grupo de Atos 20.29 são inimigos de fora da Igreja. Os “homens” que falam “cousas pervertidas” são adversários que surgem “dentre” os crentes de Éfeso.

Talvez, os “homens” perversos de Atos 20.30 possam ter sido envenenados com as heresias dos “lobos vorazes” de Atos 20.29.

Que nós sejamos fiéis às doutrinas do Senhor. E, cheios da vida de Deus em Cristo, VIGIEMOS, “bispemos”, com toda seriedade, as vidas que Deus nos entregou para cuidarmos delas, cumprindo as recomendações paulinas como “bispos” sobre os filhos de Deus a nós confiados dentro da igreja da localidade.

Somos encomendados ao Senhor em Quem cremos de coração. Atos 20.31-32 precisa encaixar-se no âmago dos nossos espíritos redimidos e vocacionados.

Deus nos guarde no caminhar pelos trilhos da verdade bíblica.

A Deus toda a glória. Amém.

4.8 – Presbíteros, lembremo-nos sempre das admoestações do apóstolo, assim como os irmãos servos da Igreja de Éfeso deviam lembrar-se, para que o nosso episcopado seja fielmente cumprido. Saibamos que somos encomendados “ao Senhor e à palavra da sua graça, que tem poder para” nos “edificar e dar herança entre todos os que são santificados” (At.20.32). Obrigado, Senhor.

Que bom é ver que Paulo não encomendou um bispo e seus auxiliares à graça de Deus, mas encomendou todos igualmente e não hierarquicamente, como presbíteros, “ao Senhor e à palavra da sua graça”, palavra poderosa para nos edificar na verdade imortal, eterna, gloriosa!

4.9. Atos 20.17 e 28 fornece-nos dois substantivos e um verbo que devemos considerar. Substantivo é: “Palavra com que se nomeia um ser”... Verbo: “Palavra que designa ação”, etc.

Segundo o texto em consideração, temos o substantivo presbítero (transliteração do grego, presbu/teroj), que se pode traduzir por ancião. Então, os presbíteros ou anciãos de Atos 20.17 são os mesmos bispos

de Atos 20.28. São SINÔNIMOS, sem vestígios da loucura hierárquica destes séculos de desvio. Em Atos 20.28 aparece o verbo pastorear. Os presbíteros, no seu conjunto, devem pastorear, isto é, eles vão cuidar da Igreja, guardando-a, alimentando-a. Mas no texto, Paulo não diz que cada um deles é pastor, mas que, no conjunto, apascentam, isto é, os presbíteros ou bispos ao trabalharem com a Igreja, estão apascentando. Mas eles são chamados não de pastores, mas de presbíteros ou bispos. A realidade predominante hoje, no seio da cristandade, contrasta-se fortemente com a simplicidade verificada na revelação do Novo Testamento. Ministérios e funções estabelecidas para o serviço a ser prestado a Deus na Igreja, transformou-se em títulos e posições de honrarias humanas. O resultado disso é a flagrante clerolatria facilmente observável no meio do povo de Deus que não consegue se dar conta do mal que realmente está ocorrendo.

5. Governo local da Igreja difere de ministérios concedidos por Cristo para edificação do povo de Deus.

Bispos ou presbíteros diferem de pastores e de outros ministros. Uma observação realmente válida, é que homens carismáticos, como apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres (Ef.4.11), NUNCA são chamados bispos. Não. Bispos ou presbíteros têm a ver com o governo da igreja na localidade. Nada além, nem aquém. Como já vimos, há dois títulos nos dois versículos de Atos 20.17 e 28, designativos dos mesmos servos da Igreja de Éfeso: presbíteros e bispos. “O primeiro título lhes convém pelo que eles são (não pela idade, mas em virtude da sua posição e das suas atribuições na comunidade); o segundo, pela sua tarefa” (A Igreja do Novo Testamento – G. Kittel, p.204). Assim, presbíteros da igreja local são, por posição e por atribuição, os conselheiros da Igreja. A questão da idade de vida não é tão importante. É preciso que sejam dotados do espírito de aconselhamento sadio, seguro. Esses mesmos presbíteros são chamados bispos, isto é, seu serviço, sua tarefa na igreja da localidade é “bispar” isto é, supervisionar, gerenciar, vigiar, superintender, guardar o rebanho dos “dentes dos lobos vorazes”. No conjunto, os presbíteros apascentam. São os supervisionadores, os vigiadores, os gerenciadorees espirituais dos irmãos. Nunca, no Novo Testamento, nenhum desses presbíteros ou bispos é chamado de “pastor” fulano; de “bispo”, ou “reverendo” sicrano; de “padre” beltrano. Por que hoje pode

aparecer, neste igrejismo de início de século XXI, um homem chamado de Bispo Acabe ou de Reverendo Barzilai ou de Pastor Labão ou de Padre Jeroboão ou Apóstolo Matatias? Não dizemos que a Bíblia é a regra de fé e de prática? É hora de praticarmos a Palavra de Deus, desvencilhando-nos destes títulos clericais mal vindos a nós através dos erros ou desvios do verdadeiro governo e do real ministério do Novo Testamento. Esse clericalismo pastoral, episcopal, apostolar, etc., de titulação deste ou daquele indivíduo chefe-religioso tem sua fonte máxima no catolicismo romano, não na Bíblia. Portanto, qualquer um que busque ser bíblico, antes, tem de lançar fora esses títulos clericais profundamente romanistas, nada bíblicos.

A tarefa dos presbíteros ou anciãos ou bispos é realizada pluralmente e o Novo Testamento não deu a nenhum homem o título singular de pastor, de apóstolo, de presbítero ou ancião ou bispo fulano. Embora tais substantivos existam no Novo Testamento, não existem como designativo do título de um homem. O termo “pastores”, em relação a alguns servos da Igreja (Ef.4.11), tem a ver com o ministério de edificação, de amor, da igreja local (At.20.17,28). É um dom especial de certos irmãos para tratar das ovelhas feridas. São aqueles particularmente qualificados para tirar “carrapatos”, “carrapichos”, para curar as feridas do rebanho. Não têm nada a ver com o governo da Igreja. Entre os irmãos do governo presbiterial, Deus pode dar ministérios diferentes. Assim, dentre os presbíteros ou bispos que são os governantes da igreja da localidade, alguns podem receber o ministério de apóstolos e quando recebem essa comissão apostólica do Espírito Santo, esses comissionados saem e vão em missão especial. Enquanto vão, são apóstolos ou seja, são enviados. E quando vêm e ficam no local de onde foram encomendados à graça de Deus, são só bispos ou presbíteros. Como apóstolos são ministros, servos para aquela missão especial e devem edificar igreja em localidade além do local no qual reside. Terminada a missão, retornam à função de conselheiros comuns, homens do governo local da igreja como os outros que ficaram e não foram em comissão.

Hipoteticamente, façamos uma pequena operação matemática. Suponhamos que na cidade de Vitória houvesse 40 presbíteros ou anciãos ou bispos, os quais Deus estivesse usando para o governo da igreja desta localidade. Esses 40 presbíteros são os homens do governo da igreja. Mas acontece que Deus quer chamar dentre esses 40 presbíteros, governantes

locais, alguns para ministérios especiais. Assim, conforme Efésios 4.11, Deus iria chamar, por exemplo, 4 para a obra apostólica. Enquanto, porém, não saíssem em missão por outras localidades, continuariam sendo esses 4, apenas presbíteros locais em Vitória. Tão logo saíssem, seriam apóstolos ou enviados pelo Espírito Santo (At.13.4), evangelizando, estabelecendo e edificando igrejas (At.13 e 14). Enquanto não saíssem os 4, ainda existiriam em Vitória 40 presbíteros e quando saíssem os que foram convocados para a missão apostólica, ficariam 36. Com o retorno dos 4 ao lugar da igreja, voltariam a ser 40 presbíteros novamente. Desse modo, esses 4 apóstolos seriam apóstolos de Vitória, pois esta é a localidade em que moram e de onde saem. Não são apóstolos em Vitória, pois não existem apóstolos que operam em Vitória, enquanto são de ou moram em Vitória. Apóstolo significa “enviado” e para serem apóstolos, portanto, precisam estar indo em comissão divina para outra ou outras regiões. Com isso, esses 4 seriam apóstolos de Vitória (lugar sede de sua residência e procedência), porém, não são apóstolos em Vitória, visto que para serem apóstolos ou enviados, tem de estar indo a outras localidades. Barnabé e Saulo foram apóstolos de Antioquia em outras cidades ou regiões, mas não eram apóstolos em Antioquia e sim, de Antioquia. Para alguém ser apóstolo ou enviado é preciso estar cumprindo a missão de estar indo além da localidade. Caso esteja ficando, não pode ser apóstolo. Apóstolos que ficam e não vão, são em si, uma contradição. Caso fiquem, não são apóstolos. Indo, não são presbíteros. Estes ficam no local. Os apóstolos têm de sair para operar em outra ou outras localidades. Apóstolos, no sentido bíblico, quer dizer enviados de Deus, homens que levam o recado dos céus a outras localidades, para nessas estabelecer e edificar igrejas.

Tenhamos isso bem fundo em nossas mentes e corações: apóstolos não são governantes locais, mas obreiros andantes. Governantes locais são os presbíteros ou anciãos ou bispos: três substantivos sinônimos no Novo Testamento.

Efésios 4.11 apresenta-nos uma lista de cinco ministérios que Cristo mesmo doou, como está escrito: “E Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres”.

Para que esses cinco tipos de ministros nos foram concedidos? Efésios 4.12 responde: “com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o

desempenho do seu serviço, para a edificação do Corpo de Cristo”. Esses ministros concedidos por Cristo são homens que visam edificar as igrejas, trazer as vidas dos irmãos aperfeiçoadas, limpas, santificadas, desimpedidas, úteis, unidas, tratadas com as mensagens de Deus. Os profetas cuidarão de manter os crentes exortados profeticamente, consolados com suas mensagens; os evangelistas evangelizarão e inspirarão os crentes a evangelizar; apascentarão, os pastores que têm o dom divino do amor e do zelo e da paciência e abnegação, que se dão para cuidar das ovelhas extraviadas, feridas, quebradas, expostas às garras dos lobos; e os mestres treinarão os irmãos nas Santas Escrituras, homens que Cristo ungiu para ensinar, lapidar, dar conhecimento e fundamentação na Palavra de Deus. Para isto é que Cristo concedeu esses ministérios, para levar os santos ao serviço de Deus. Quanto à missão dos apóstolos, já vimos antes.

É importante notar que a única menção do vocábulo “pastores”, no Novo Testamento, para designar uma espécie de servidores do povo de Deus está em Efésios 4.11. Trata-se de termo plural que define o serviço particular desses servos às ovelhas feridas. Esses “pastores” de Efésios 4.11 NADA têm a ver com o governo da Igreja. Este serviço de governar a igreja é de responsabilidade dos presbíteros. Estas verdades já foram expostas em textos desse livro. Essas cinco espécies de ministros de Efésios 4.11 são, quanto ao seu dom ministerial, homens do ministério, mas não são, necessariamente, homens do governo da igreja da localidade. Ministério tem a ver com área específica. É ao presbitério que compete governar a Igreja como um todo.

O governo da Igreja cabe aos presbíteros, os quais são chamados anciãos ou bispos. Esses presbíteros é que governam a igreja local. São administradores, tratam dos assuntos temporais e espirituais do povo. Representam a Igreja. Orientam as ovelhas na vida secular, familiar e espiritual. São representantes naturais da igreja da localidade. São homens irrepreensíveis, monogâmicos, exemplares pais de filhos, tendo autoridade sobre a esposa e filhos. Não são dissolutos, nem insubordinados, mas bons despenseiros de Deus. Não são arrogantes, nem irascíveis, nem dados ao vinho, nem violentos, nem gananciosos, mas hospitaleiros, amigos do bem, sóbrios, justos, piedosos, auto controlados, apegados à palavra fiel, preparados “para exortar pelo reto ensino como para convencer os que contradizem” (1er Tito 1.5-9). Esses homens são os presbíteros governantes da igreja da localidade.

Entretanto, é de se esperar que dentre os presbíteros locais, haja aqueles a quem Deus vocacione para serem apóstolos, enviados a outras localidades, a outras regiões. Ou que Deus dispense a alguém o ministério profético para exortar e consolar os corações. Poderoso, ainda, é o Senhor para ungir alguns homens dentre os presbíteros, com uma palavra de evangelização poderosa, para ganhar almas e redimir preciosas vidas das trevas para a luz de Cristo e também, dentre os presbíteros governantes locais, o Senhor pode conceder alguns para serem pastores locais, homens humildes que não precisam ser primariamente bons oradores, mas conselheiros que sempre estão prontos a oferecer seu ombro para alguém encostar a cabeça e chorar suas dores. Esses “pastores”, como servos de Cristo, estão voltados para a ovelha sofredora. Pastores, quanto ao seu campo ministerial, NÃO têm de ser presbíteros. Presbíteros são governantes da igreja local. Pastores só tratam do problema, da doença, da fraqueza, da necessidade da ovelha dispersa ou em perigo. Bem assim, Deus pode levantar, dentre os presbíteros da localidade, alguns para serem “mestres”. Homens que têm o dom da sabedoria, da ciência, que recebem de Cristo as explicações que tiram dúvidas e preparam a Igreja para crescer na Palavra de Deus e no conhecimento do nosso Senhor Jesus Cristo.

Felizes somos nós, pois Deus nos tem abençoado com tais e tão ricas e tranquilas bênçãos espirituais, para entendermos e vivermos estes ensinamentos básicos comuns no primeiro século do Cristianismo, mas tão desconhecidos neste início de século XXI, escuro, de maus presságios. Obrigado, Senhor, pela visão viva que nos tem dado. Aleluia.



CAPÍTULO XI

COMPARANDO O POVO
DE DEUS NO ANTIGO E
NO NOVO TESTAMENTO
DIFERENÇAS E AFINIDADES

COMPARANDO O POVO DE DEUS NO ANTIGO E NO NOVO TESTAMENTO DIFERENÇAS E AFINIDADES

I – O POVO DE DEUS NO ANTIGO TESTAMENTO – ISRAEL

1 – Israel FAZ “santuário” para Deus. Êxodo 25.8 diz: “E me farão um santuário, para que eu possa habitar no meio deles”. Santuário vem do hebraico “miqdash”, que significa “um lugar separado”. “Miqdash” é derivado da mesma raiz de “qadosh”, “santo”. Deus mandou fazer o tabernáculo. Mais tarde, Salomão construiu o templo. Deus habita no tabernáculo ou no templo, no lugar santíssimo, no propiciatório, que é a tampa de ouro batido da arca da aliança. Assim, enquanto Deus mora no propiciatório, Ele dali fala ao seu povo, como diz Êxodo 25.22: “Ali virei a ti, e, de cima do propiciatório, do meio dos dois querubins que estão sobre a arca do testemunho, falarei contigo acerca de tudo o que eu te ordenar para os filhos de Israel”.

2 – Deus mora com Israel, isto é, Deus habita com Israel através do santuário (Êx. 25.8). Em Levítico 16.2, diz o Senhor: ... “aparecerei na nuvem sobre o propiciatório”, no Santo dos Santos. Dali, Deus fala a Israel. No Salmo 78.59-60 está escrito que Deus, indignado com Israel, “abandonou o tabernáculo de Siló, a tenda de sua morada entre os homens”. Deus usa objetos para sua habitação entre os homens, em Israel.

3 – Israel tem menor grau de revelação de Deus. “Israel não tem conhecimento, o meu povo não entende”. “O boi conhece o seu possuidor”, mas Israel não conhece o seu Deus (Is.1.3).

4 – Israel deveria ser “reino de sacerdotes e nação santa” (Êx.19.6). Israel falhou nos propósitos para os quais foi chamado por Deus, até o ponto de não receber ao Senhor Jesus, o Cristo (Jo.1.11; Lc.23.33-34).

5 – Israel deve ser santo. Números 19.20 diz: ... “quem estiver imundo e não se purificar, esse será eliminado do meio da congregação; porquanto contaminou o santuário do Senhor”.

Sem complacência o imundo era eliminado, pois que manchou o povo que deve ser limpo. O pecador era eliminado, extirpado da congregação em Israel.

II – O POVO DE DEUS NO NOVO TESTAMENTO – A IGREJA

1 – A Igreja É o “santuário de Deus”. Israel FAZ santuário, porém a Igreja É o santuário. Há diferença entre ser e fazer.

I Coríntios 3.16 diz: “Não sabeis que sois santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?” É triste não termos consciência de que Deus mora em nós. Saibamos: somos muito importantes para Deus. Aleluia! Deus é santo e porque mora em nós, sua Igreja, nós somos “santuário de Deus”.

Precisamos não apenas ser, mas também ter consciência de que somos santuário. Por isso Deus nos pergunta: “Não sabeis que sois santuário de Deus?” Ouvi alguém dizer: “Se o boi tivesse consciência da força que tem, o homem não o dominaria”. Este é o problema: ser, sem consciência de ser. Deus nos avive a consciência de que somos santuário de Deus.

2 – Deus habita na Igreja. A Igreja em si própria é a morada de Deus. “Não sabeis que sois santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?” (I Co.3.16).

O Deus Triúno habita continuamente na Igreja. Antes do derramamento do Espírito Santo, diz o Senhor aos discípulos: “O Espírito de verdade... habita convosco”, mas virá o tempo (e isto ocorreu no Pentecoste), quando o Espírito “estará em vós” (Jo.14.17). Desse modo, o Espírito Santo está fazendo morada contínua em nós; não só habita com a Igreja, mas habita na Igreja.

3 – A Igreja tem a total revelação de Deus em Cristo para esta Era da graça (Mt.11.25-27; Jo.1.11-12,14,18; 14.6-9; 17.3; Cl.3.9-10; Rm.11.33-36; Ef.3.17-21; ICo.2.6-16).

A Igreja, o povo de Deus desta Era da Graça, conhece a Deus e ao seu

enviado, Jesus (Jo.17.3). A Igreja começa com o conhecimento pleno de Deus Pai e do Deus Filho (Jo.17.1-3), e do Deus Espírito, nosso Ensinador (Jo.14.16-17; 16.7,13-14). Na Igreja a revelação chegou ao seu grau máximo. A revelação deixou de ser a mera plantinha e se tornou árvore com fruto. A Igreja deve saber, em plena consciência, que ela é o Corpo, “o santuário do Espírito Santo” (I Co.6.19). Não basta ser, é preciso saber que é o Corpo de Cristo.

4 – A Igreja, diz I Pedro 2.9, é sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus. Nisto a Igreja não falhou. Apocalipse 1.6 declara que Cristo “nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai, a Ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém”. Deus nos fez sacerdotes. A Igreja, em conjunto, realiza o seu “sacerdócio” diante do Senhor.

5 – A Igreja deve ser santa. I Coríntios 3.17 avisa: “Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; porque o santuário de Deus, que sois vós, é santo”. “Deus é amor”. Mas não podemos desconhecer “a justiça de Deus” (I Jo.4.8; Rm.10.3). Quer no Antigo, quer no Novo Testamento, o povo de Deus precisa ser santo.

Enfim, nós, Igreja de Deus, somos herdeiros de todas as boas qualidades que o povo do Antigo Testamento deveria ter. Assumimos todas as boas qualidades que Israel deveria ter tido. Daí, sermos “raça eleita”, “nação santa”, “sacerdócio real”, “povo de propriedade exclusiva de Deus”. Que o Senhor guarde em nossos corações profunda gratidão por todo o infinito amor de Deus pelo qual nos agraciou com todo este tesouro da Sua Misericórdia, enriquecendo-nos com as Suas mais que benditas bênçãos celestiais. “Temos, porém, este tesouro em vasos de barro”(II Co.4.7). Aleluia. Amém.



CAPÍTULO XII

ESTABELECENDO COMPARAÇÕES
ENTRE IGREJA E REINO DE DEUS



ESTABELECENDO COMPARAÇÕES ENTRE IGREJA E REINO DE DEUS

I – A IGREJA

1 – A Igreja é todo o Corpo de Cristo existente na Terra e no além. Esta Igreja é a universal assembléia dos santos arrolados nos céus. É a soma total dos remidos do Senhor de todos os tempos (Ef.5.32; Hb.12.22-23).

2 – A Igreja é “de Deus” (At.20.28; I Co.1.2). Esta expressão “de Deus” é um genitivo grego e traz a idéia de posse, isto é, a Igreja é propriedade que pertence a Deus e é governada por leis do amor divino; é sustentada por bênçãos, graça e vida de Deus.

3 – A Igreja é intercessora: vivemos para interceder. A Igreja é o “Israel espiritual”, o povo de Deus que concorda na terra e Deus aprova no céu (Mt.16.18,19 e 18.19-20). II Tessalonicenses 1.11 mostra-nos a oração intercessora de um doutrinador da Igreja: Paulo. Ao conjunto das igrejas (Ap.1.4-6), Cristo “constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai”. “Sacerdotes” são intercessores. Como Igreja somos intercessores, visto que Cristo “nos constituiu... sacerdotes”. Cristo continua sempre intercedendo por nós e tal fato nos faz intercessores também (Hb.7.25). Deus nos deu tal autoridade. Nossas orações, como odorífero incenso, sobem perante as narinas do Todo Poderoso que está assentado no trono (Ap.8.3,4).

4 – Mateus 21.43 profetiza que “o reino de Deus” será entregue a um povo (a Igreja) melhor do que Israel. Lendo-se Mateus 21.33-43, vemos que Israel falhou e que a Igreja tomou-lhe a vinha. O Dono da vinha cedeu-a a outro povo melhor do que os velhos arrendatários. Deus espera frutos da Igreja.

5 – A Igreja, em seu aspecto local, tem homens que são guias espirituais, homens de boa reputação, exemplares em fé e conduta, que cuidam do rebanho e tratam da disciplina formativa, corretiva e “cirúrgica” do povo de Deus (Mt.18.15-17; Hb.13.7,17; I Pe.5.1-3).

Esses guias espirituais devem ser respeitados e sua fé deve ser imitada, levada a sério (Hb.13.7-17).

O ornamento dos guias espirituais não está na beleza física ou na riqueza material, mas no brilho de uma vida irrepreensível, cheia de fidelidade, temperança, sobriedade, modéstia, sabedoria, bondade, concórdia, disciplina, liderança, respeito, maturidade, testemunho perante Deus e o povo. Aleluia. Amém.

6 – Que a Igreja não é o reino de Deus, depreendemos, também, da oração, o “Pai nosso”, a qual nos mostra que a Igreja está interessada na vinda do reino de Deus. A Igreja ora ao Pai: ...“venha o teu reino”... (Mt.6.9-10).

7 – A Igreja tem autoridade para abrir as portas do reino dos céus a muitas vidas. Atos 2.8-11 nos dá uma lista de pessoas de diversos povos ou raças, às quais foi aberta a porta do reino dos céus: mesopotâmios, judeus (asiáticos); egípcios (africanos), romanos (europeus). No texto, vemos pessoas dos três continentes conhecidos naquele tempo: Ásia, África e Europa.

Pela pregação do Evangelho as portas do reino dos céus são abertas aos crentes. Pedro, por exemplo, teve a oportunidade de abrir a porta do reino, conforme vemos em Atos 2; 8.14-17; 10.1-48.

8 – A Igreja é agência do reino dos céus, cuja ação incomensurável ultrapassa a terra e atinge até as “regiões celestes” (Ef.6.12). Ao promover o reino, a Igreja reina liderada pelo seu Cabeça, Jesus Cristo, que além de Cabeça da Igreja, é o Rei do Reino.

9 – A Igreja Universal, expressa nas igrejas locais, envolve-se com o Rei do Reino contra o tirano-usurpador, Satanás, que é o falso reinante sobre o sistema mundial. Por envolvimento da Igreja com o Rei a Igreja se torna “sacerdócio real”, ou seja, “sacerdotes” para Deus (I Pe.2.9; Ap.1.6). Neste ponto a Igreja se avizinha do Reino.

II – O REINO DE DEUS

1 – O reino de Deus é tudo que Deus ensinou e está ensinando através de Jesus e em Jesus e pelos apóstolos e demais santos. É todo o ensino

do Antigo e do Novo Testamento. É o domínio celestial na vida terrena dos santos de Deus.

2 – “Reino de Deus” é o reino cujo DONO e SENHOR é o próprio Deus. “Reino de Deus” é a mesma coisa que “reino dos céus”, isto é, o reino de Deus tem procedência celestial.

(Apenas em Mateus se encontra a expressão “reino dos céus”. Nos demais evangelhos achamos “reino de Deus”. Reino de Deus é sinônimo de reino dos céus. Observemos Mateus 3.2; Marcos 9.1; Lucas 17.21 e João 3.3 [Mateus 21.43 nos fala de “reino de Deus”]).

3 – O reino de Deus ou o reino dos céus está entre nós ou em nós e nos leva a um estado sacerdotal, ou seja, de intercessores diante de Deus pelos homens. Está escrito: “Vós me sereis reino de sacerdotes” (Êx.19.6).

Ao sumo sacerdote do Antigo Testamento cabe servir no Santuário perante Deus; ensinar ao povo; guardar a Lei de Deus; tomar conhecimento da vontade de Deus. Êxodo 28.29,30 e Esdras 2.63 mostram quão importante era o papel do sacerdócio. Essencialmente, a função do sacerdócio era mediar entre Deus e os homens. Em suma: o reino de Deus é a concentração dos filhos de Deus intercessores e trabalhadores em favor dos homens. O sacerdócio no Antigo Testamento era um modelo que Deus levantou, para mostrar-nos que nossa missão é interceder pelos homens.

4 – O reino de Deus, isto é, o domínio de Deus, suas bênçãos, seus ensinamentos, seu governo celestial podem ser tirados de vidas que se tornem infiéis (Mt.21.43). De vidas, como no caso de Israel, que não correspondam às expectativas divinas.

5 – O reino de Deus e bem assim, a Igreja Universal não têm homens em sua direção ou governo. Não há possibilidade de um homem governar no reino de Deus ou na Igreja Universal. No seu reino, Deus é o Rei, o Soberano e tudo que existe, na terra, ar, mar, planetas, sistemas solares, constelações, universo, além do universo, anjos, arcanjos, querubins, serafins, enfim, tudo está sob o governo único de Deus, portanto, inclusive as igrejas locais com seus guias espirituais. Tudo e todos estão sob o governo de Deus. Nada foge nem refoge ao seu mandar.

6 – O reino de Deus é expandido pela Igreja, mas só após o Juízo Final Deus reinará com absoluta perfeição sobre a Igreja, tempo em que a Igreja terá alcançado todo o seu tamanho, significado e plenitude.

7 – O reino dos céus distingue-se da Igreja. Esta tem “as chaves do reino dos céus”, o qual tem sido aberto pela Igreja a muitas vidas. Mateus 16.18-19 deve ter tido etapas de cumprimento em Atos 2, 8, 10, 19.1-7.

Que são essas chaves? São o viver piedoso e sincero dos ensinamentos de vida do Novo Testamento. São o viver Deus no nosso homem interior. Esse viver Deus, já é em si o uso das chaves do reino dos céus.

O reino de Deus distingue-se da Igreja de Deus. Esta tem as chaves que abrem tal glorioso reino. O reino é aberto. A Igreja é que o abre.

8 – O reino de Deus o qual é agenciado pela Igreja, é a soma dos ensinamentos de Jesus e de seus apóstolos; é tudo o que está sob a soberania de Deus, inclusive a Igreja, visto que esta está sob a soberania do Senhor nosso Deus.

Os assuntos da Igreja são os negócios do reino de Deus e tais negócios devem atrair cada pessoa salva desde a sua conversão até o dia da sua chamada à presença do Senhor.

9 – O reino de Deus envolve-se com a Igreja de Deus e traz ao mundo o império da força do direito, da justiça, da santidade, do amor, da salvação e do Senhorio do Senhor Jesus Cristo.

Comparando a Igreja de Deus com o reino de Deus, valorizemos, sobre todas as coisas, o privilégio de sermos um “reino de sacerdotes” (Êx.19.6), ou de sermos “sacerdócio real” (I Pe.2.9). Enfim, busquemos “em primeiro lugar” o reino de Deus (Mt.6.33), sabendo que “o reino de Deus consiste, não em palavra, mas em poder” (I Co.4.20).



UMA PALAVRA,
AINDA, AO LEITOR



UMA PALAVRA, AINDA, AO LEITOR

Avocê, leitor, meus respeitos e votos de real proveito sob iluminação divina. Perante você estão alguns capítulos, fruto do que aprendi e busco viver ao longo dos anos. Estão sendo preparados, além destes, mercê de Deus, outros estudos para outros livros, também, sobre as igrejas do Novo Testamento. Meu intuito é edificar o povo de Deus nestes tempos finais e apocalípticos. O que aí está é o registro fiel do que creio ter encontrado no Novo Testamento sobre as igrejas. O Deus que me revelou Cristo, revelou-me, igualmente, a Igreja. Meu irmão, minha irmã, o Senhor Deus em Cristo há de lhes dar revelação sobre as suas igrejas. Na carta aos Efésios Paulo declara: “Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à igreja” (Ef.5.32). Há um duplo mistério: Cristo e a Igreja. Cristo só pode ser conhecido por revelação. Sem revelação ninguém chega ao pleno conhecimento de Cristo Jesus. E Paulo declara: “Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à igreja”.

Cristo, o Cabeça da Igreja, “a qual é o seu Corpo”, está envolvido em mistério com o seu próprio Corpo, a Igreja. Em Efésios 5.31, a união do marido com a sua esposa, em “uma só carne”, é um mistério que serve de ilustração a outro mistério infinitamente maior, que é a união do próprio Cristo com os seus remidos, formando um só Corpo, a Igreja. Esta união entre Cristo e a Igreja, de fato, é “Grande ... mistério” (Ef.5.32). Pode ocorrer o fato de alguém dizer: o que vale mesmo é aceitar Cristo. A Igreja não faz diferença. Ora, como não faz diferença?! A cabeça é importante, oh, sem dúvida! Cristo é o Cabeça. Mas, não é a Igreja o Corpo de Cristo? Ora, se a cabeça é importante e o é, seu corpo também, é importante, com certeza.

Só a revelação de Deus nos tirará do caos da divisão denominacional que enfraquece e desonra o Corpo de Cristo, a Igreja de Deus.

Oro ao Senhor para que o conteúdo deste livro chegue à sua mente e coração, simplesmente como aquilo que na realidade é: o compartilhar de considerações de quem tem, com pertinácia e humildade, procurado aprender e apreender aquilo que o Senhor lhe tem mostrado sobre a Sua Igreja. Regozijo-me em entender que a muitos estas coisas estão sendo reveladas, porque ao Senhor assim convém fazer. Todo o interesse é dEle, porque a Igreja é dEle: a Igreja que somos nós. Aleluia!

Que o Senhor o abençoe, bem como a todo o Seu povo.

O autor.

Leia também do mesmo autor:

- Namoro? O começo errado de uma vida a dois
- ABC da Eclesiologia – Em perguntas e Respostas
 - O Código Civil Brasileiro (Lei 10.406/02)
no Tratamento dado às Igrejas é Inconstitucional